

ARTETERAPIA REFLEXÕES

ANO XI • Nº 10 • 2026

Revista do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae



Arteterapia: Reflexões é uma publicação do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

Ano XI n. 10
ISSN: 1414-6223

Equipe editorial

Gisleine Scandiuzzi
Nair Hitomi Kayo
Regina Aparecida dos Santos

Conselho editorial

Ana Alice Francisquetti
Eloisa Q. Fagali
Iraci Saviani
Leila Nazareth
Maria Alice do Val Barcellos
Maria de Betania P. Norgren
Neide Alessandra Giordano
Selma Ciornai
Tereza Cristina P. Ajzenberg
Vera Maria R. Ferretti

Edição de textos

Marcela Mayumi Gomes Kitayama
Nair Hitomi Kayo

Projeto gráfico e composição

Gisleine Scandiuzzi

Imagem da capa ©Encontrarte

Recorte de trabalho coletivo realizado pelo grupo a partir da temática Surrealismo contemporâneo.



Instituto Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godói, 1484
Perdizes 05015-900
São Paulo-SP Brasil
(11) 3866-2730
www.sedes.org.br
sedes@sedes.org.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Entre laços: a relação arteterapêutica no contexto de luto do arteterapeuta	5
Noemia Rodrigues Sant'Ana	
Entre linhas e olhares: tessituras do envelhecer.....	18
Iara Simonetti Racy e Rita de Cássia Caseiro Cavalieri	
Muito mais que um porta-retrato: a fotografia terapêutica e suas aplicações.....	34
Nellie Solitrenick	
Surrealismo contemporâneo.....	47
Grupo EncontrArte	
Resenha.....	59
<i>O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?</i>	
Leila Nazareth	
Normas de publicação.....	65

APRESENTAÇÃO

E com alegria que apresentamos o 2º número da edição *online* da revista **Arteterapia: Reflexões**, um espaço dedicado ao diálogo entre a teoria e a prática da Arteterapia.

Neste número, a revista traz a escrita da experiência de profissionais que passaram pelo Sedes, ex-alunas do curso de Arteterapia da Casa.

Noemia Rodrigues Sant'Ana trata de um assunto pouco explorado nos cursos de formação: o luto do arteterapeuta. Sua escrita traz a construção da relação arteterapêutica dentro de um contexto de doença, finitude e morte, e de que forma isso a impactou e foi elaborado por ela.

Nellie Solitrenick faz uma breve revisão da literatura científica publicada a respeito da fotografia terapêutica, discorre sobre a utilização da fotografia na arteterapia e traz um breve relato sobre seu uso como ferramenta terapêutica no atendimento da população idosa.

Iara Simonetti Racy e Rita de Cássia Caseiro Cavalieri apresentam um estudo em arteterapia sobre a heterogeneidade da velhice e a importância de espaços de reflexão e de ressignificação do envelhecimento. Realizado no Centro de Assistência e Desenvolvimento Social (NAS) do Instituto Sedes Sapientiae, carinhosamente chamado de "casinha do NAS", o trabalho com um grupo de mulheres 60+ utilizou atividades em diferentes linguagens artísticas traspostas para o bordado.

O EncontrArte, grupo de arteterapeutas vinculado ao Departamento de Arteterapia do Sedes, iniciativa da prof. Iraci Saviani, discorre sobre a gênese da criação do grupo de estudos e a concepção da exposição Surrealismo contemporâneo, realizada no Sedes em 2024.

E, por fim, a prof. Leila Nazareth resenha o livro-objeto *O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?*, apresentado na Mesa Aberta organizada pelo departamento de Arteterapia em 2025.

Desejamos que a leitura desperte envolvimento, reflexões, perguntas, novas pesquisas e amplie sua experiência.

Gisleine Scandiuzzi
Nair Hitomi Kayo
Regina Santos

ENTRE LAÇOS: A RELAÇÃO ARTETERAPÊUTICA NO CONTEXTO DE LUTO DO ARTETERAPEUTA

Noemia Rodrigues Sant'Ana¹

RESUMO

Este artigo traz o relato de experiência vivido pela autora durante o estágio supervisionado (2019-2020) para obtenção do título de especialista em Arteterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae em São Paulo.

Trata-se de um recorte do TCC da autora, no qual explora a construção da relação arteterapêutica dentro de um contexto de doença, finitude e morte, e de que forma isso a impactou e foi elaborado por ela.

Entre as considerações a respeito do contexto vivido, observa a falta de bibliografia específica em Arteterapia de abordagem gestáltica a respeito do luto do arteterapeuta e levanta a discussão sobre a importância de o tema ser trabalhado nos cursos de formação em Arteterapia.

Palavras-chaves: Arteterapia; doença, finitude, morte, luto.

ABSTRACT

This article tells of the author's supervised internship experience (2019-2020) when she specialized in the Art Therapy course at the Sedes Sapientiae Institute in São Paulo.

It is an excerpt from the author's final thesis, in which she explores the construction of the art therapy relationship within a context of illness, finitude, and death, and how this impacted and was processed by her.

Among the considerations regarding the lived context, she observes the lack of specific bibliography in Gestalt-based Art Therapy on the grief of the art therapist, raising the discussion about the importance of addressing this topic in Art Therapy training courses.

Keywords: Art Therapy; illness, finitude, death, grief.

¹ Arteterapeuta, arte-educadora e psicopedagoga. E-mail: nonoarte@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Esse relato é um recorte do TCC escrito em 2018, quando finalizei o curso de especialização em arteterapia no Instituto Sedes Sapientiae. Nele descrevo minha primeira experiência de atendimento arteterapêutico.

No estágio, realizado na clínica do Sedes, fui presenteada com uma cliente que chamei aqui de Rita. Ela já estava sendo atendida há alguns anos na abordagem psicanalítica, inicialmente por episódios de perda de voz, e, durante o processo terapêutico com essa profissional, teve diagnóstico de um câncer na mama esquerda. Foi encaminhada para a arteterapia pela observação de suas habilidades artísticas.

O atendimento de Rita pedia urgência e, mesmo diante da delicadeza do caso, me interessei pela proposta, ansiosa que estava para colocar em prática o que havia aprendido até então. Assim, em junho de 2019, iniciei o processo arteterapêutico de Rita.

Atender uma cliente em processo de finitude na arteterapia, fez com que eu me aproximasse do tema da morte, e aqui descrevo como foi para nós duas, cliente e arteterapeuta, estabelecer uma relação e construir um percurso dentro desse contexto.

Entendo ser importante pontuar que parte do atendimento de Rita ocorreu em 2020, quando vivemos o período mais crítico da pandemia da Covid-19. A morte, o medo e o luto, tempestivamente, passaram a ser figura e fundo da nossa existência coletiva.

O coronavírus trouxe muitas perdas, afetando a todos nós de forma gigantesca, pois nunca tivemos essa percepção de proximidade com a morte. Nos atendimentos arteterapêuticos, isso se apresentava pelo que os clientes traziam, nas irritações provocadas pelo enclausuramento em casa, na ansiedade para que esse tempo passasse logo, no medo de alguém da família morrer, no desejo do encontro.

Pretendo, assim, trazer parte dessa vivência nesta escrita.

UM OHAR RETROSPECTIVO

"Vamos todos numa linda passarela de uma aquarela que um dia enfim descolorirá."
Toquinho

Desde a primeira sessão, com todo cuidado, respeito e acolhimento, fui puxando os fios da história de Rita que, sentindo muita necessidade de falar, foi desembranhando um novelo, na tentativa de se conhecer.

Rita, para minha surpresa, chegava para nossos encontros com muita energia, sempre alegre e disposta, mesmo com uma história de vida marcada pela violência.

Mulher negra, estava com 54 anos, morava na periferia de São Paulo, vivia com seu companheiro João há quase 20 anos. Nascida no interior de outro estado, foi entregue a um orfanato ao nascer, onde viveu até os 10 anos, quando foi adotada por um casal.

A princípio, Rita ficou feliz, mas logo começou a apanhar de sua mãe adotiva por qualquer motivo, e seu pai adotivo abusava dela sexualmente. Apesar disso, Rita tinha gratidão pela madrastra por ter lhe proporcionado estudos, pois concluiu o ensino médio e realizou cursos profissionalizantes na área da imagem pessoal.

Na juventude, Rita pediu ajuda ao orfanato para conhecer sua mãe biológica e, na expectativa de se livrar dos pais adotivos, aproximou-se de sua mãe e contou sobre sua vida, porém a mesma negou-lhe acolhida, alegando que não seria possível oferecer a mesma “vida de luxo” que a filha recebia do casal. Sua expectativa era que, ao desabafar sobre toda a situação de violência na qual vivia, seria protegida pela mãe, o que simplesmente não aconteceu.

Assim, mobilizada por muita mágoa e raiva, Rita começou a planejar um jeito de sair daquela situação, continuou visitando a mãe, que morava em outro estado, até que em uma dessas visitas conseguiu empregar-se como manicure num salão de beleza, próximo à casa materna. Neste local ela poderia também morar e, quando isso aconteceu, Rita já era adulta. Assim foi até a casa dos pais adotivos, pegou suas coisas e nunca mais voltou.

Aos 31 anos, Rita veio para São Paulo com sua patroa e conheceu seu companheiro. Pelo que contou, realizou vários serviços para essa patroa e mais tarde descobriu que havia falhas sobre o recolhimento de seu fundo de garantia. Resolvido esse processo, se aposentou por doença, o que ocorreu em 2017.

Rita veio para a arteterapia trazendo desejo de compreender sua vida através da arte. Tínhamos como figura sua doença, materializada no seio esquerdo, que se destacava de um fundo onde apareciam as famílias biológica, institucional e substituta, que nunca exerceram a função do cuidar de maneira funcional. Rita se via sempre em ambientes onde configuravam a violação de direitos e a negligência.



O desejo de Rita na Arteterapia (arquivo pessoal).

Rita, ao trazer seus fragmentos de história, como pedaços de tecidos, mobilizava algo em mim, fazendo com que eu acessasse a minha criança interna, aquela que juntava retalhos para costurar as roupas das suas bonecas. Foi assim que me vi tentando entender sua história, com a vivência de quem já exercitou esse jogo de montar cada pedacinho de si. A cada encontro com Rita, nós duas fomos alinhavando a colcha de retalhos de sua vida. E, por que não dizer, também a minha. Nossos fios se “entre-laçaram” desde o início, num processo lindo e instigante.

Quando nossos olhares se encontravam, acontecia o “entre”, ou seja, o dialógico, reafirmando o conceito de que somos todos fios de um tecido inter-humano. (HYCNER; JACOBS, 1997, p. 31)

Estava sendo um grande aprendizado iniciar minha prática de atendimento clínico penetrando na vida de Rita. O que descobri aos poucos é que Rita era uma pessoa extremamente forte.

É um paradoxo interessante descobrir que nossos êxtases internos mais importantes se dão ao transcendermos os limites de nossa vida para penetrar na de outrem... (ZINKER, 2007, p. 29)

O meu papel era ouvi-la atentamente, desenvolvendo o pensamento arteterapêutico, e estar totalmente presente. Suas produções revelavam um interior muito rico e quase ingênuo.

Rita trazia, em sua singularidade, aspectos de conexão e aspectos de uma atitude de separação. As duas polaridades não integradas. Sabemos que a tensão de conexão e separação está sempre presente desde o momento da concepção:

O feto é profundamente carne da mãe; ainda assim, também, está formando seu corpo e se preparando para a separação. Esse desenvolvimento físico é paralelo, no decorrer da vida, ao desenvolvimento psicológico. Estamos sempre buscando o ponto de equilíbrio entre nossa separação e conexão com os outros. De fato, é a tensão criativa e a integração das duas que se constituem na marca do viver saudável. (HYCNER; JACOBS, 1997, p. 32)

Como alguém, abandonada pela mãe no início da vida, pode conseguir integrar essas duas polaridades “conexão e separação natural” com os outros?

Na busca de conhecer, fazer emergir o que Rita buscava, ofereci muitas vivências com recursos artísticos, para acessar o que não se revelava em suas falas.

Assim, uma das propostas mais significativas foi a construção de uma casa de papelão, representando um dos sonhos de Rita.

Rita aceitou a proposta com alegria; escolheu a caixa maior que havia no ateliê e, durante os encontros, se envolveu muito no processo de sua produção. A casa surgiu de um desenho intitulado por ela “a casa dos sonhos”, e o que seria uma casa térrea, virou um sobrado com muitos quartos, suíte, sala espaçosa, cozinha, um grande quintal e espaço para horta e até fonte (como no orfanato).



Desenho: A casa dos sonhos (arquivo pessoal).



A casa dos sonhos – início da construção com papelão (arquivo pessoal).



Parte interna da casa dos sonhos (arquivo pessoal).



Quintal e garagem da casa dos sonhos (arquivo pessoal).

Por último, colocou uma garagem para ônibus, dizendo que era para suas visitas. Os sentimentos escolhidos para colocar dentro da casa foram amor e alegria. Dizia também que nela haveria um quarto para mim, sua arteterapeuta, e outro para sua analista. Em meio a tanto afeto, Rita se interessou pelos fios, tecendo os tapetes para decorar sua casa.

No dia 10 de março de 2020, entramos em quarentena por conta da pandemia mundial da Covid-19 e, com isso, muita coisa mudou: fomos avisadas pelo Sedes que, a partir do dia seguinte, nossas reuniões de equipe e os atendimentos seriam *online*. Entramos em contato com nossos clientes, oferecendo essa nova forma de atendimento, o que para Rita não foi impedimento algum.

Essa mudança surpreendeu a todos de modo geral; deveríamos ficar isolados, mais tempo em casa, evitando aglomerações e todo tipo de contato físico. Tivemos que nos

adaptar a essa nova realidade e principalmente aprender a atender à distância, utilizando as tecnologias à nossa disposição, ou seja, adaptarmo-nos à mudança de *setting*, assim o espaço de atendimento se ampliou para o espaço das nossas casas: arteterapeuta e cliente fazendo contato em espaços diferentes, unidos pelas telas.

Nós, alunas e mestres do curso, tivemos que nos refazer para aprender, ensinar e atender na arteterapia de forma *online*. A partir daí encontramos maneiras criativas de atendimento no que diz respeito aos materiais, utilizando o que nós alunas e clientes tínhamos em casa como cenário, ou enviando kits de materiais pelo correio, comprados em lojas *online*, no caso de suprir alguma dificuldade.

No início, para mim e Rita, houve um estranhamento, pois, nossos fios ficaram separados pelo distanciamento social, mas a relação dialógica do Eu-tu, nosso entre, não foi prejudicado, vinculadas que estávamos. Porém, o enclausuramento atingiu muito a existência de Rita, afetando drasticamente sua saúde mental e física, uma vez que ela gostava de passear aos domingos com o marido, visitar parentes e amigos, espalhando alegria e amor por onde ia.

A produção da casa de papelão ficou no Sedes. Enquanto isso, Rita aproveitou seu tempo para produzir mandalas. Ela começava nas sessões *online* e durante a semana tecia sem parar!



Mandalas (arquivo pessoal).

Embora as Mandalas possam expressar um potencial para a totalidade ou representar uma totalidade cósmica (como procede para as mandalas de tradição religiosa), também podem funcionar como proteção para as pessoas que estão fragmentadas. (SAMUELS, 1988, p. 124).



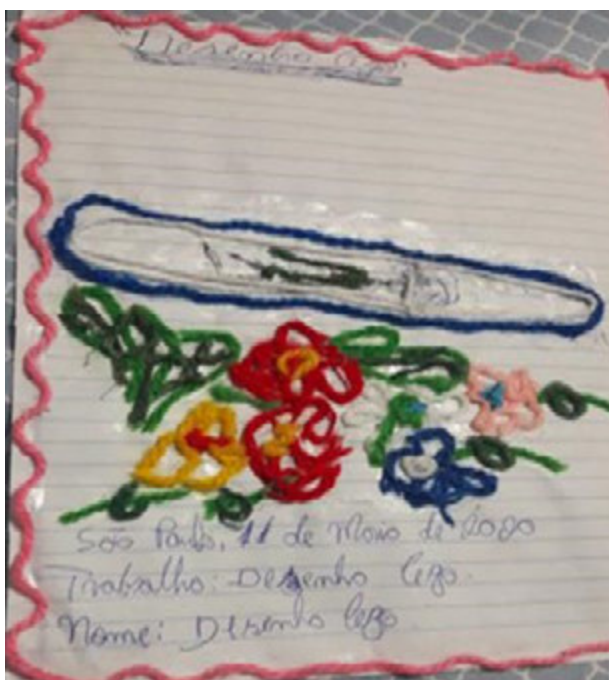
Folhas bordadas (arquivo pessoal).

O interesse pelos fios e pela natureza fez com que durante os atendimentos Rita trouxesse materiais orgânicos como galhos e folhas, colhidos no próprio quintal ou nos jardins por onde passava quando saía para sua rotina de exames médicos.

Minha percepção é que, nessa fase, Rita foi se conectando com algo que havia de mais profundo nessa colheita de folhas. Guardo a impressão de que, ao tecer fios, Rita buscava intervir para embelezar a natureza sem vida daquelas folhas, como uma resistência à própria morte que se aproximava de forma implacável.

Palavras e frases como “amo a natureza”, “cuidar”, “da terra viemos, para a terra voltaremos” tornaram-se presentes nos *settings*. Além disso, ela trazia um questionamento: Por que será que eu gosto mais do avesso dos bordados? Sua indagação revelaria algum interesse que estava vindo à consciência pelo que realmente se apresentaria do outro lado da vida? O que será que está por trás de tudo isso, ou até medo da própria morte...

Com o passar do tempo, os fios de sua energia também foram dando sinais de enfraquecimento, e Rita se queixava de muitas dores pelo corpo todo. Por esse motivo, seu médico solicitou um exame de imagens com o qual Rita ficou impactada e, durante um atendimento, produziu plasticamente como ela mesma se via:



Tomografia (arquivo pessoal).

Em junho de 2020, coincidentemente a mesma data que iniciamos o atendimento em 2019, Rita recebeu o diagnóstico de disseminação da doença no cérebro e, a partir disso, iniciou o tratamento com radioterapia.

Percebendo que João, marido de Rita, estava emocionalmente muito afetado, convidei-o para participar dos atendimentos, já que ele havia tirado férias do trabalho para acompanhá-la nos tratamentos. João demonstrava muita preocupação pelo estado de saúde da companheira e muitas vezes chorava durante as sessões.

Foram dias significativos e pontuais, evidenciando a natureza e a importância do cuidar, simbolizado no plantio de sementes, trabalhando com enfoque fenomenológico as imagens que emergiam nas produções de Rita e João. Ao perceber sua fragilidade, os atendimentos se limitavam ao diálogo e visualizações criativas, respeitando a dificuldade de seus movimentos, pois Rita, mesmo imobilizada pelas dores, tinha necessidade de escuta e não faltava nos atendimentos *online*.

Todos os seres humanos têm uma necessidade existencial profunda de serem confirmados pelos outros. É uma necessidade que está presente, durante toda a vida, mas é particularmente proeminente quando houve uma sintonia falha entre a criança e seus pais. (JACOBS; HYCNER, 1997, p. 126)

Durante o nosso “entre laçar” fui me tornando *aware* de como Rita buscava essa confirmação existencial nos *settings* terapêuticos e na vida, em decorrência de sua sintonia falha ocorrida na infância, como cita Hycner (1997).

Na minha percepção, Rita estava demonstrando que toda a força empreendida em seus entrelaçamentos com a vida vinha se enfraquecendo. Mesmo assim, quando certo dia perguntei se ela estava sentindo algum medo, respondeu-me delicadamente que não, que estava triste por não conseguir fazer arte, ou seja, os trabalhos propostos nos atendimentos...

Outra ansiedade que a pessoa que vai morrer frequentemente tem é a de deixar assuntos não concluídos. Os mestres nos dizem que devemos morrer pacificamente, “sem querer, nos agarrar a nada, sem anseios ou apego”. Isso não pode acontecer de modo completo se as questões não resolvidas de uma vida inteira não forem, dentro do possível, desembaraçadas. (RINPOCHE, 2019, p. 247)

No atendimento seguinte, Rita faltou pela primeira vez, o que me preocupou bastante. Conversando com João e a equipe clínica, atentamos para o início de um momento desafiador que se aproximava.

Ainda nos encontramos mais uma vez em *setting* terapêutico, e neste momento, mesmo com dificuldade, Rita conseguiu me dizer o que gostaria que fosse feito para sentir-se mais confortável no seu processo de partida, que era deixar seu companheiro amparado

materialmente com a transferência da escritura do apartamento adquirido através de um programa do governo federal para o nome de João.

Foi aí que comecei a tecer os fios para realizar o desejo de Rita e atentar para que ela não tivesse mais nenhum tratamento violento ou de abandono em sua partida.

Em meados de setembro, Rita foi internada no hospital, no andar para atendimentos em cuidados paliativos.

Como referência que fui no processo arteterapêutico de Rita, no qual houve tanta entrega, senti que seria preciso cuidar daquele momento para que a nossa colcha de retalhos tivesse um merecido acabamento com as linhas do cuidado, respeito, amor e humanidade.

E, assim, fui encontrando muitas pessoas que me estenderam seus fios, contribuindo para que eu tivesse força e conseguisse realizar o que havia prometido à Rita para que ela partisse em paz. Aos poucos, fui fazendo contato com o que foi se revelando diante de mim:

Quando amamos alguém, é normal que tenhamos algum apego a essa pessoa; ao mesmo tempo, precisamos manter no nosso coração o desejo pelo seu “bem maior”. Quando a impermanência ou a morte anuncia a perda da forma do nosso relacionamento, a nossa tarefa é nos desapegarmos dessa ligação dolorosa. Não precisamos nos livrar do nosso amor ou das nossas memórias maravilhosas. Mesmo quando estamos nos despedindo deles, nossos corações ainda podem estar cheios de amor. (LONGAKER, 1998, p. 166)

Na crença de que temos um longo caminho a percorrer pela eternidade, seguimos entendendo que, antes de cada partida, é preciso praticar o desapego, para que essa transição entre o viver e o morrer seja de uma forma tranquila e, se possível, consciente.

Assim, durante minhas visitas à Rita, minha preocupação foi para além dos aspectos físicos, como ajudá-la na alimentação e a ficar numa posição mais confortável na cama; foi também acolher o que, possivelmente, ela estivesse sentindo naquele momento e confortá-la, dizendo que estávamos tomando todas as providências para a transferência da escritura. Falei que a amava e, também, da minha eterna gratidão por ter contribuído com o meu aprimoramento, da minha admiração pela sua força, alegria e que ficaríamos todos bem.

O nosso “entre laçar”, fortalecido que estava pelo vínculo construído nos *settings* arteterapêuticos, estava em consonância com o meu sentir. Assim, no final de setembro, senti uma forte necessidade de produzir um desenho representando a proximidade da partida de Rita.



Trem da partida (arquivo pessoal).

Um dia depois desse desenho, Rita partiu, deixando a certeza de que tudo é efêmero e que, segundo Longaker (1998), devemos dar toda a atenção às necessidades práticas e emocionais dos doentes terminais para que possam morrer com dignidade, sem sofrer demais, e cercados de amor.

REFLEXÕES FINAIS

Como todo gestalt-terapeuta, arteterapeutas gestálticos acreditam que a criatividade está intrinsecamente conectada com os processos de vida, e que a habilidade de expressão por diferentes linguagens verbais e não verbais é um potencial natural de todos os seres humanos. (CIORNAI, 2004, p. 15)

Como Ciornai tão bem expressa acima, a criatividade está conectada com a vida. Partindo do princípio de que a morte é parte natural da vida, a criatividade e a arte foram fios condutores de reflexões dos meus atendimentos com Rita.

As imagens produzidas nos *settings* possibilitaram reflexões a respeito de aspectos importantes da vida de Rita para ressignificá-los e trazer conforto ao seu processo de finitude. Ela dizia que não temia a morte, e quando o tema de sua partida se tornou figura nas últimas sessões, ela dizia estar pronta e mostrava-se irritada com o choro de seu companheiro.

Falamos bastante sobre o viver, e hoje, olhando por um espelho retrovisor, tenho clareza do quanto desconfortável eu estava em abordar e falar com Rita sobre sua morte (e a

minha) por não ter repertório e preparo para manejar melhor o tema. O manejo foi se construindo no fazer, na relação dialógica, nos nossos encontros, no aguçar de nossa sensibilidade, com muito respeito e cuidado para que eu fosse tecendo um diálogo franco e aberto sobre seus últimos desejos.

Como não poderia deixar de ser, em algum momento teríamos que lidar com aquilo. Assim, de alguma forma, todos os atendimentos foram intensos no processo arteterapêutico de Rita, e diante do futuro incerto que se apresentava desde o início como fundo, fui sentindo esse luto se manifestar sem a morte concreta de Rita. Para mim foi um aprendizado impactante acompanhar aquele momento na vida dela até o dia de sua partida.

Segundo Fukumitsu (2015), numa terapia formalmente finalizada, os processos continuam, isso enquanto houver vida. Eu, como arteterapeuta, trago aqui reflexões de como foi contemplar algumas Gestalten, sobre as quais eu me questionava desde a escrita do meu TCC.

Rita seguiu seu caminho faz quatro anos, e fui me reconstruindo desse luto nas minhas sessões de terapia e ficando *aware* das mortes e perdas de vínculos importantes nesse o meu viver.

Como disse Ciornai citando Juliano (1999), o terapeuta, ao acompanhar o processo dos clientes, acaba tendo de lidar várias vezes com as mesmas questões e as mesmas dores.

Estar junto e testemunhar como se sente uma pessoa que sabe que sua morte está próxima me levou a revisitar situações do passado. Quando acompanhei meu pai, também paciente com câncer, não soube como conduzir ou ajudá-lo no seu processo de finitude para que ele usufrísse de mais compreensão e conforto interior naquele momento difícil.

Vivi outras situações de luto, nomeados não reconhecidos, como o de quando perdi uma gestação e outro quando perdi um animal de estimação. Ao viver o luto de Rita, pude revisitar e passar por esses processos que são vistos socialmente de forma não autorizada. Casselato (2015) afirma que, quando o enlutado não encontra acolhimento para sua dor, pode reprimi-la, desenvolver doenças psicossomáticas que expressam o não dito e até mesmo vivenciar um processo de luto complicado.

Quando iniciei o atendimento de Rita, não tinha compreensão do que realmente estava por vir, do quanto seria enriquecedora a nossa relação arteterapêutica e como poderíamos juntas, nesse percurso, costurarmos uma linda jornada de autoconhecimento, aceitação e amor.

Finalizando essas reflexões, acredito ser de extrema necessidade confirmar a Arteterapia de abordagem gestáltica como uma ferramenta potente e de grande contribuição nos atendimentos de clientes em processo de adoecimento e terminalidade, apesar de ainda termos pouca literatura e pesquisas a respeito desse assunto traduzidas para o português.

Como arteterapeutas, precisamos buscar, reivindicar formações que nos qualifiquem para a discussão e ação, que nos preparem para lidar com os processos de morte que não se restringem a atender apenas o cliente, pois atravessa toda a família e entes.

Como sociedade, é importante incentivarmos movimentos que promovam discussão sobre os diversos tipos de luto e os modos de viver e morrer. Para além disso, é necessário que as instituições de ensino proporcionem em suas grades curriculares espaços para o tema do luto como área de conhecimento, principalmente nos cursos de pós-graduação e especialização em Arteterapia e saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASELLATO, Gabriela. **O resgate da empatia**. Suporte psicológico ao luto não reconhecido. São Paulo: Summus, 2015. 264 p.

CIORNAI, Selma. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. 2. ed. São Paulo: Summus, 2004. 273 p.

HYCNER, Richard; JACOBS, Lynne. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997. 222 p.

JULIANO, Jean Clark. **A arte de restaurar histórias**. São Paulo: Summus, 1999. 151 p.

LONGAKER, Christine. **Esperança diante da morte, preparando espiritualmente a partida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 353 p.

MEYER, Lilian F; FUKUMITSU, Karina O. (org.) **A Clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-Terapia**. v. 3. São Paulo: Summus, 2015.

RINPOCHE, Sogyal. **O livro tibetano do viver e do morrer**. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2019. 572 p.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007. 304 p.

ENTRE LINHAS E OLHARES: TESSITURAS DO ENVELHECER

Iara Simonetti Racy¹ e Rita de Cássia Caseiro Cavalieri²

RESUMO

Baseado na ideia de que o envelhecer é parte de um *continuum* que é a vida e no potencial vivificante da arte, este artigo traz um estudo em arteterapia sobre a heterogeneidade da velhice e a importância de espaços de reflexão e de ressignificação do envelhecimento. O trabalho foi realizado no Centro de Assistência e Desenvolvimento Social (NAS) do Instituto Sedes Sapientiae, com um grupo de mulheres 60+. Os encontros tiveram atividades com diferentes linguagens artísticas transpostas para o bordado, que objetivaram estimular o potencial criativo e sensibilizar para o debate dos temas abordados. Os resultados demonstraram que a arteterapia contribuiu para um novo olhar sobre o próprio envelhecimento e a descrystalização de mitos e crenças relacionados ao envelhecer, potencializados pela oportunidade de realizar esse processo em grupo. O ato de bordar favoreceu tanto a introspecção quanto o compartilhar e a construção de novas relações consigo, com o outro e com o meio.

Palavras chave: envelhecimento, arte, arteterapia, bordado livre, promoção de saúde

ABSTRACT

Based on the idea that growing old is part of the *continuum* of life and on the life-giving potential of art, this article presents an art therapy study on the heterogeneity of old age and the importance of spaces for reflection and re-signification of ageing. It was carried out at the Social Assistance and Development Center (NAS) of the Sedes Sapientiae Institute, with a group of women 60+. The meetings included activities using different artistic languages transposed into embroidery, with the aim of stimulating creative potential and raising awareness of the topics discussed. The results showed that art therapy contributed to a new way of looking at ageing and the debunking of myths and beliefs related to growing old, enhanced by the opportunity to carry out this process in a group. The act of embroidery favored introspection as well as sharing and the construction of new relationships with oneself, with others and with the environment.

Keywords: aging; art, art therapy; free embroidery; health promotion

1 Psicóloga com aperfeiçoamento em Gerontologia Social e Especialização em Arteterapia e Arte-reabilitação.
E-mail: iara@iarasimonetti.com.br

2 Arteterapeuta com aprimoramento em Gerontologia. E-mail: ritacavalieri@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo comum a todos os seres vivos e, como hoje admitem a maioria dos biogerontologistas, é a fase de um *continuum* que é a vida, começando na concepção e terminando com a morte. Segundo Barral (2023), “a forma de percorrer a existência depende da apreensão de experiências, a elaboração de sentidos e significados, os projetos individuais e como é vivida essa vida”.

Diferentemente de outras fases desse *continuum*, o envelhecimento não possui um marcador biofisiológico de seu início e, então, definiu-se como marco para um indivíduo ser considerado idoso, a idade cronológica. Mas quando é que se fica velho? Aos 60, 70 ou 80 anos? Nada mais flutuante do que os contornos da velhice, vista como um complexo conjunto fisiológico-psicológico e social, conforme aponta Priore (2025).

A grande amplitude dessa faixa etária que, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), se inicia aos 60 anos nos países em desenvolvimento e chega a atingir 100 anos ou mais, assim como a heterogeneidade existente entre os indivíduos, nos revelam múltiplas velhices. Desta forma, não podemos tratar essa população como uma massa uniforme e reservar ao velho um lugar estereotipado.

Espaços que promovam a desassociação e o distanciamento desses estereótipos e uma expansão do perceber-se em sua individuação faz-se necessário nesse momento de vida. A arteterapia possui um potencial mobilizador e pode favorecer descobertas e transformações internas pela oportunidade de encontro consigo e com o que está ao redor. A diversidade de linguagens artísticas e suas transposições facilitam o contato com diferentes percepções e pontos de vista sobre um mesmo tema, possibilitando a ampliação de olhares e consciência. No trabalho aqui apresentado, este movimento pousa no bordado, uma linguagem que estimula, dentro do tempo e ritmo próprio de cada pessoa, um diálogo com fios, pontos, gestos, suportes, silêncios e riscos da memória e convida cada participante a bordar suas histórias de vida.

Realizamos, desde setembro de 2022, oficinas semanais de arteterapia e bordado no Núcleo de Idosos do Centro de Assistência e Desenvolvimento Social (NAS) do Instituto Sedes Sapientiae com grupo de mulheres 60+.

O objetivo das oficinas é oferecer um espaço físico, compartilhado e acolhedor, onde as participantes possam explorar a sua criatividade, reconhecer seu protagonismo no processo de criação e expressão, ampliando a percepção das transformações (internas e externas) advindas do envelhecer. Um lugar de convívio e troca de experiências que possibilita novas formas de olhar para si mesmo e para o outro.

O trabalho que aqui apresentamos, chamado de “Pontos de Vista”, é um recorte das oficinas “Bordar com Fios e Afetos” e foi realizado entre os meses de junho e setembro de 2024.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O envelhecimento é um processo natural, multifatorial, comum a todos os seres vivos e que tem, como única característica universal, a ocorrência de mudanças ao longo do tempo, independentemente de estas terem ou não, efeito deletério sobre a vitalidade e a longevidade. Como hoje admitem a maioria dos biogerontologistas, envelhecer é fase de um *continuum* que é a vida, começando na concepção e terminando com a morte.

Diferentemente de outras fases do desenvolvimento, como a puberdade e a maturidade, em que podem ser observados marcadores biofisiológicos que representam limites de transição entre elas (por exemplo, a menarca na mulher), não existe um biomarcador universalmente aceito para o início do envelhecimento, assim sendo a demarcação entre a maturidade e a velhice arbitrariamente fixada pela idade cronológica.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), um indivíduo passa a ser considerado idoso aos 60 anos nos países em desenvolvimento e 65 anos em países desenvolvidos (SECRETARIA NACIONAL DA POLÍTICA DE CUIDADOS E FAMÍLIA, 2023, p. 2). Esse critério cronológico é adotado para elaboração de políticas públicas, visando dar ao idoso atenção à saúde física, psicológica, social e amparo legal.

Porém, é importante assinalar que a idade cronológica nem sempre reflete a idade biológica, que pode ser definida como o grau de funcionalidade, capacidade adaptativa e saúde do corpo e que difere de indivíduo para indivíduo.

Semelhante ao conceito de idade biológica, temos também o da idade psicológica, que se refere à relação existente entre a idade cronológica e as capacidades, tais como percepção, aprendizagem e memória, bem como ao senso subjetivo, de como cada indivíduo se avalia, física, emocional e socialmente.

O envelhecimento populacional, em razão do aumento da expectativa de vida e do declínio nas taxas de natalidade, é uma tendência tanto no Brasil quanto em outros países. Segundo o censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 15,83% da população brasileira tinha 60 anos ou mais, o que corresponde a aproximadamente 33 milhões de pessoas. Este número é quase o dobro do que tínhamos nos anos 2000, quando a proporção de idosos na população era de 8,7%. Ao observarmos as pirâmides etárias de 2000 e 2022 (figura 1), podemos perceber a nítida alteração nas extremidades, evidenciando o crescimento populacional 60+ (topo da pirâmide) e a diminuição da população de 0 a 4 anos (base da pirâmide) que apresenta uma queda representativa de 9,64% para 6,25%.

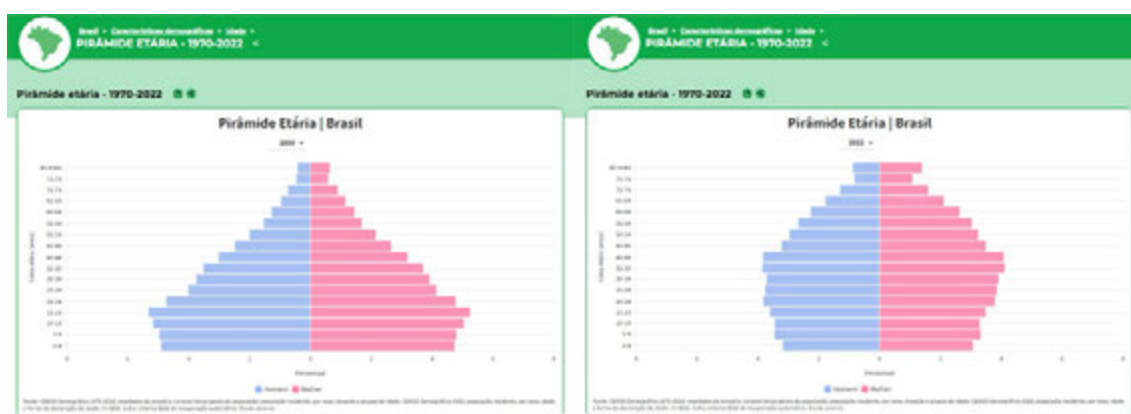


Figura 1 - Comparativo Pirâmide etária de 2000 e 2022 no Brasil.

Conforme Zimmerman (2000, p. 24):

O aumento do número de velhos no Brasil, até a pouco tempo considerado um país de jovens, começa a dar lugar a uma realidade diferente e traz a consciência de que a velhice existe e é uma questão social que pede uma atenção muito grande.

Para ser devidamente compreendido e estudado, o envelhecimento deve ser considerado em sua multidimensionalidade: física, cultural e socioeconômica. São muitas as velhices e, assim sendo, não é possível ter um olhar homogeneizante e estereotipado para esta população, o que acarreta a perda da riqueza de suas possibilidades. Uma das formas de buscar essa mudança de olhar é, segundo Levy (2022, p. 163), reconhecer que muitas vezes é o etarismo, e não o próprio processo de envelhecimento, que dificulta a mudança de olhar para o envelhecer.

O psicólogo B. F. Skinner, em seu livro *Viva bem a velhice* (1985), escreveu:

O mundo é um palco, e você não é o primeiro a desempenhar o papel de velho. A plateia já viu a peça milhares de vezes e conhece suas marcações melhor do que você. O papel que se espera que desempenhe não é lisonjeiro.

Simone de Beauvoir (1970) diz que “numa sociedade centrada na juventude, o indivíduo mais velho encontra-se premido entre o espectro do declínio e o sonho da eterna juventude”. Mitos e preconceitos, muitas vezes arraigados na própria pessoa idosa, são reforçados por uma cultura que exalta o jovem e deprecia o ancião. As rápidas mudanças tecnológicas e as relações cada vez mais frágeis e fugazes, criam um contexto em que o idoso pode se sentir obsoleto e deslocado, gerando uma forte sensação de incapacidade e a dificuldade de tomar iniciativas, fazer escolhas e/ou abrir mão da condução de sua própria vida.

Ocorre que os idosos têm um trunfo que os jovens não possuem: o conhecimento acumulado pela vivência. Eles já experienciaram diversas relações, sejam amorosas, familiares, de amizade ou no trabalho. Testemunharam mudanças políticas e transformações sociais. Na juventude, os ideais heróicos e visões grandiosas ajudam os jovens a definirem seus objetivos e valores na vida. Na maturidade, esses ideais readquirem outra importância: o indivíduo maduro não busca mais um lugar na sociedade da mesma maneira que os mais novos, mas sim, segundo o psiquiatra Allan B. Chinen (1989), “situar a sociedade na história da própria humanidade”.

O envelhecimento populacional é uma conquista social e deve ser celebrada. Abre-se, assim, um campo que carece de atenção, pois isso traz uma modificação no *status* do velho. Cardella (2017), considera o processo de crescimento algo que acontece ao longo da vida como uma “autoatualização”, assim, envelhecer pode acontecer como ajustamento criativo, encarando limitações e descobrindo novas possibilidades.

No curso de nossa existência, desde muito cedo, lutamos para conquistar autonomia a fim de tomarmos nossas próprias decisões e independência para operacionalizá-las. O protagonismo ou autoria, é um ponto central em todas as fases e indicador de qualidade de vida. Doenças crônico-degenerativas, questões socioeconômicas e emocionais podem comprometer a autonomia e a independência dos mais idosos e não devem ser desconsideradas, porém, segundo Minayo (2011, p. 10-11), “independentemente de padecer de algum tipo de enfermidade ou falta de autonomia, nada substitui o envolvimento do sujeito na condução de sua existência”. É necessário compreender a unidade corpo-

-mente do ser que envelhece, o corpo como um existencial permeado de significados e sentidos (BARRAL, 2023) e reconhecer que um corpo imperfeito, enfermo, envelhecido é também um corpo vivo, que vive a sua idade, ele não está separado da subjetividade do sujeito. Ainda segundo Barral, dizer que há “uma mente jovem e um corpo velho” distancia a possibilidade de compreensão dessa totalidade.

Neste sentido, o fazer artístico pode contribuir com inúmeras possibilidades: reconhecer qualidades e habilidades, experimentar o novo, expressar emoções, medos, dificuldades e também sonhos, perceber-se como um ser criativo e criador, descristalizar mitos pessoais e validar a própria história.

A atividade expressiva é uma ferramenta potente de reconhecimento e fortalecimento de qualidades e potencialidades pessoais para o enfrentamento de situações adversas que auxiliam o idoso a se inserir e se adaptar, em suas condições físicas e psíquicas, a uma vida com atividades que lhe tragam prazer e bem estar. (CIORNAI; CAVALIERI; FERRARI, 2023)

Encontramos na arteterapia a possibilidade de ampliar o autoconhecimento e promover saúde através do contato com diferentes linguagens artísticas que facilitam a expressão criativa individual e coletiva, possibilitando partilhar e ampliar olhares. O fazer arte e o diálogo e reflexão com o que foi feito são igualmente importantes neste processo.

Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças. (CIORNAI, 2004, p. 7)

Entre as possibilidades de expressão artística utilizadas, escolhemos a arte têxtil, em especial o bordado, para o pouso das criações e expressões das participantes do grupo que conduzimos. A arte têxtil utiliza “linhas, tecidos e tramas em geral e emprega alguma técnica, como costura, tricô, crochê, bordado, tapeçaria ou tear” (VIEIRA, 2021, p. 11). Em trabalhos terapêuticos, o ensino da técnica tem por objetivo oferecer referência para as participantes e não uma exigência do uso. Propicia um caminho para uma tessitura particular. Segundo Bartchewsky e Aiello (2019), o ato de tecer convida o participante a se desligar das demandas cotidianas, se voltar para ouvir seu diálogo interno e deixar emergir conteúdos, como necessidades, desejos, dores... Ou simplesmente o leva a se deparar com uma interrogação – um detalhe que talvez precise examinar com cuidado para compreender a trama da vida. A partir dessa conexão interior, crochê, tricô e tecelagem são apenas ponte para a autoexpressão, elaboração das emoções e integração com os outros participantes. O fio e as técnicas são recursos utilizados de forma precisa, porém sutil, nos contextos terapêuticos, que promovem uma espécie de tecedura psíquica.

Dessa forma, o bordado atua tanto na dimensão física quanto na subjetiva (psicológica e emocional) promovendo saúde, qualidade de vida e bem-estar. Sendo uma atividade manual que permite movimentos repetitivos, ele age como uma meditação ativa, auxiliando no alívio do estresse e ansiedade, no desenvolvimento do foco e concentração, ajuda a desviar a atenção de pensamentos estressantes e preocupantes, permite a expressão de sentimentos e emoções, melhora habilidade manual e coordenação motora fina e estimula funções cognitivas e executivas.

Utilizamos em nosso trabalho o bordado livre, que se refere ao estilo sem regras ou rigidez, dando liberdade ao uso e movimento dos pontos e favorecendo ainda mais o gesto autoral. “O saber do tato está ligado ao movimento de agregar a matéria (...) ao corpo, entendendo um como prolongamento do outro” (REZENDE, 2021), é um gesto de presença e, como diz Dumont (2015), contribui para organizar os fios internos, dar vazão ao que sentimos e acolher aquilo que, por vezes, não conseguimos nomear. No bordado livre, há a interação de nossas mãos com a agulha, a linha e o tecido e cada ponto se conecta e representa a materialização de um pouco de nós, do mundo de quem borda: sentimentos, memórias, desejos e histórias.

Heck (2020) cita Pollak (1989), dizendo que, “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”. Os mundos particulares encontram nesses espaços um lugar de alento, onde podem se sentir confortáveis para compartilhar histórias, suas percepções de vida e reafirmar suas identidades. O grupo propicia também uma identidade coletiva que desperta um sentimento de pertencimento e uma reflexão sobre a vida em relação. Através do bordado e dos símbolos e narrativas representadas, as participantes se conectam consigo e com o outro.

A vida é como um tecido múltiplo de fios incontáveis, fiados por seres de todos os tipos, tanto humanos quanto não humanos, conforme eles encontram caminhos através do emaranhado de relacionamentos nos quais são enredados. (INGOLD *apud* NOGUEIRA, 2024, p. 15)

METODOLOGIA

O processo “PONTOS DE VISTA” foi realizado durante 16 encontros semanais de 2 horas, entre junho e setembro de 2024, com um grupo de mulheres 60+ no Centro de Assistência e Desenvolvimento Social (NAS) do Instituto Sedes Sapientiae, através do Núcleo de Envelhecimento coordenado por Dolores Toloi.

No decorrer dos nossos encontros, com o consentimento de todas as participantes, fizemos o registro fotográfico de seus olhos em diferentes ângulos e momentos, objetivando captar as diversas nuances do olhar. Essas fotografias foram utilizadas no processo.

No nosso primeiro encontro, assistimos ao vídeo *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Ao final, as participantes compartilharam suas impressões e percepções sobre o conteúdo apresentado. Durante as trocas, retomamos algumas falas do vídeo, que contribuíram para a reflexão sobre a importância da

desconstrução de estereótipos, do reconhecimento da própria história e também da história do outro.

O segundo encontro deu continuidade ao tema “perigo de uma história única”. Refletimos sobre pontos de vista a partir de um arranjo de flores situado no centro da nossa mesa de trabalho. As participantes se sentaram ao redor da mesa e cada uma contemplou e descreveu para as demais o que via a partir do seu lugar. Em seguida, representaram com lápis de cor em folha de papel sulfite o elemento do arranjo que mais chamou a atenção. Propusemos algumas trocas de lugares para que todas pudessem experimentar olhar o arranjo na ótica das outras participantes. No terceiro e quarto encontros, o grupo bordou em tecido (algodão cru) o elemento do arranjo que foi representado no sulfite enquanto refletíamos sobre o exercício de olhar e compreender diferentes perspectivas (figura 2).



Figura 2 - Bordado do elemento do arranjo que mais chamou a atenção.

Iniciamos o quinto encontro propondo um exercício: cada pessoa falaria livremente por dois minutos, enquanto as outras ouviriam o que era dito, sem perguntas, comentários ou interrupções. Prosseguimos com a leitura do texto “Escutatória”, de Rubem Alves e, a partir desses exercícios, refletimos sobre a importância da escuta atenta na relação consigo, com o outro e com o mundo.

Abrimos o sexto encontro com a leitura de um trecho do poema “O guardador de rebanhos” de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, e convidamos o grupo a explorar o entorno experimentando “novas formas de olhar”: através de celofanes coloridos, tecidos translúcidos, rendas, cones para focalizar um ponto ou para fazer o recorte de uma cena, usando óculos ou sem eles etc. Quando terminaram a exploração, cada participante representou em uma folha de papel sulfite aquilo que mais chamou sua atenção. A partir dessas imagens e das reflexões que surgiram, durante o sétimo e oitavo encontros, novos símbolos foram criados e bordados no tecido iniciado anteriormente. Além do bordado, foram disponibilizados retalhos e canetas para o grupo compor os seus trabalhos.

No nono encontro, propusemos um exercício de memória: que cada participante nos contasse o que havia visto naquele dia, em sua casa ou no trajeto até chegar na nossa sala. Após todas terem se manifestado, fizemos a leitura do texto “Ver Vendo” de Otto Lara Rezende e em seguida nos aprofundamos na reflexão sobre a importância do olhar atento e da percepção dos nossos entornos.

No décimo encontro, entregamos a cada uma delas as fotografias dos múltiplos “olhares” que tiramos no decorrer do processo. Após compartilharem as impressões pessoais, pedimos que recortassem os olhos e os colassem em um pedaço de tecido (do mesmo tamanho do que usamos para o bordado do arranjo).

No décimo primeiro e décimo segundo encontros, demos continuidade ao trabalho iniciado na semana anterior. Pedimos que as participantes delimitassem espaços ao redor dos olhos, de maneira a formar pequenas “janelas” no tecido. Também neste dia, convidamos as participantes a representarem simbolicamente neste mesmo tecido, através de desenho e bordado, o que estava no entorno destes olhares (figura 3). No décimo terceiro encontro, finalizaram as representações e recortaram as linhas delimitadas ao redor dos olhos (abertura das janelas).



Figura 3 - Entorno dos olhos delimitados e início da expressão do que tem ao redor dos olhos.

No décimo quarto encontro, pedimos que as participantes colocassem uma folha de papel canson embaixo do tecido que finalizamos no encontro passado. Convidamos cada uma a abrir suas janelas e representar o que desejavam enxergar através delas (figura 4). Esta expressão foi feita com giz de cera, canetinha e lápis de cor.



Figura 4 - Expressão do que viam (ou queriam ver) através dos “olhos-janelas”.

No décimo quinto encontro, pedimos que as participantes colocassem o tecido bordado com os elementos do arranjo sob o tecido das janelas e abrissem cada uma delas, observando atentamente as imagens que se apresentaram. Após, as convidamos a complementar estas imagens com símbolos que estavam presentes no trabalho realizado no canson (figura 5).



Figura 5 - Complementação de símbolos no tecido bordado a partir do que representaram no canson.

No décimo sexto encontro, fizemos o acabamento dos trabalhos (tecido bordado, tecido com as janelas e desenho no papel canson), de maneira que ficassem integrados como páginas de um livro (figura 6). Após essa finalização, relembremos todas as etapas do processo e refletimos sobre os temas abordados. No encerramento do encontro, cada participante compartilhou suas impressões e sensações do que foi vivenciado.

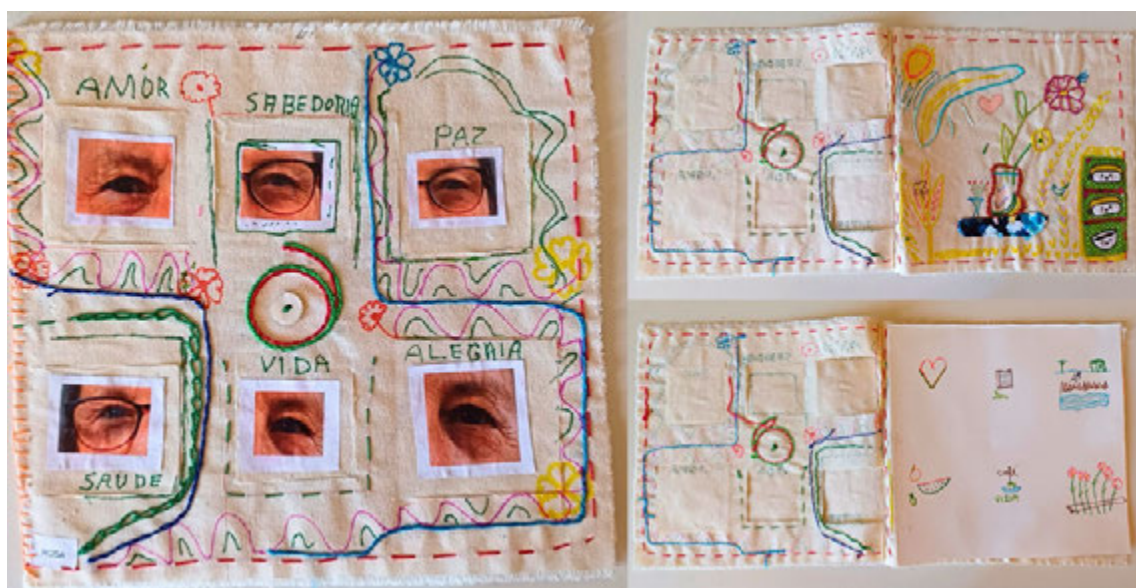


Figura 6 - Trabalho finalizado. Imagens bordadas e desenhadas que podem ser vistas através das "janelas-olhos".

ANÁLISE DOS ENCONTROS

Observamos que durante este processo o grupo se constituiu como um lugar de acolhimento e confiança, onde as participantes se sentiram à vontade para não só compartilhar suas experiências pessoais como também esclarecer dúvidas sobre alguns temas sensíveis e “tabus” sem o receio de serem julgadas. Repetidas vezes relataram que trazia para o grupo assuntos que não abordam em outros espaços.

[...] quando exercida em grupo, possibilita contato social e comunicação às pessoas que com frequência se sentem isoladas, troca de experiências, validação, reconhecimento e apreço pelas qualidades singulares de cada um. (CIORNAI; CAVALIERI; FERRARI, 2023)

Escolhemos iniciar este processo com o vídeo *O perigo de uma história única*, de Chima-manda Ngozi Adichie, acreditando em seu potencial como disparador para reflexão dos temas contemplados neste projeto: importância da escuta e do olhar atento, desconstrução de estereótipos, reconhecimento e respeito a diversidade e a individualidade e valorização da própria história. Na conversa que se seguiu à apresentação, refletimos sobre o conteúdo trazido pela autora e as participantes relataram experiências pessoais e levantaram questões relacionadas a diferentes culturas, raça e sexualidade. Percebemos que este momento foi importante não só para despertar o olhar para assuntos da contemporaneidade como também para que pudessem fazer seus questionamentos abertamente.

Ao propormos exercícios que possibilitassem a ampliação do olhar e de uma escuta mais atenta, notamos que as participantes começaram a reavaliar suas posturas e padrões, explicitando essas mudanças em situações do cotidiano e em como elas impactaram positivamente nas suas relações com o outro e consigo mesmas. Percebemos que, mesmo em meio a uma paisagem já conhecida, é possível descobrir coisas novas quando nos dispomos a ter um olhar mais atento.

O que é estranho para uma pessoa, é natural para outra, e quando cada um de nós consegue reconhecer a maneira do outro como a expressão genuína de uma personalidade complexa total, ambos podemos crescer, aprender, tornar-nos mais conscientes e descobrir maneiras de atualizar os potenciais humanos únicos muito além dos limites que impomos a nós e impomos aos outros quando nos encontramos ameaçados por fantasias assustadoras. (RHYNE, 2000, p. 72)

As histórias das mulheres do grupo são muito distintas, desde o local onde cresceram (campo, cidade, outros países) às configurações familiares e ocupações profissionais. Observamos que este é um fator potencializador para entrar em contato com diferentes pontos de vista, pois, a partir de um mesmo tema ou situação, as experiências compartilhadas, as reflexões que emergiam e os símbolos desenhados e/ou bordados eram muito diversos.

[...] entende-se que o outro, como observador, também constrói significados para aquilo que o bordado representa – e arrisco-me a dizer que a peça adquire uma parte importante do seu sentido justamente quando sua materialidade alcança um observador interessado em compreendê-lo. (HECK, 2020, p. 96)

Muito diverso também era o fazer artístico, já que possuíam habilidades diferentes e, para algumas, a expressão era muito desafiadora, especialmente por não terem (ou pouco terem) tido acesso à arte no decorrer da vida. Isso por muitas vezes suscitou comparações entre as participantes e até vergonha da própria produção. Porém, notamos que, com o apoio e incentivo do grupo no decorrer dos encontros, essas barreiras foram sendo superadas não só na forma do fazer como também na valorização do conteúdo que foi expresso.

Em ação nos surpreendemos com o nosso próprio fazer e com o produto que aos nossos olhos emerge como espelhamento-criação de nossa interioridade em relação com o mundo, nos revelando, iluminando e transformando perante nós mesmos. (CIORNAI, 2004, p. 74)

Durante o processo, as participantes foram acrescentando em seus tecidos novos símbolos, reveladores de suas memórias, desejos, gostos, potenciais e sentimentos. Observamos que, ao dialogarem com as suas produções, foram se reconhecendo, entrando em contato com partes de si adormecidas ou esquecidas e se permitindo ousar e experimentar novas formas de ser e estar no mundo.

Um dos momentos mais impactantes para o grupo foi a entrega das fotos com “os seus olhares”, recebidas com muito entusiasmo, e que gerou inúmeras reações e manifestações, seja de surpresa ao se deparar com um traço familiar em seu olhar: “mas estes são os olhos do meu pai!”, de curiosidade sobre si: “O que eu estava vendo?”, “O que meu olhar está dizendo?”, de reconhecer as marcas do envelhecimento em seu corpo: “ai, que olho enrugado”, ou mesmo de negação do próprio envelhecimento: “esta não sou eu”. Essas percepções se mostraram importantes para o autoconhecimento na medida em que não se limitavam ao olho físico congelado na fotografia, mas a toda subjetividade dessas imagens. Beauvoir (1970), nos diz que a descoberta do próprio envelhecimento se dá a partir do olhar do outro, mesmo sendo esse outro nós mesmos em frente a um espelho, e neste caso, em frente a nossa fotografia. Segundo Barral (2023), “o processo de envelhecimento traz à tona muitas questões próprias da corporeidade, tendo em vista que é nele que muitas das mudanças se dão, não apenas na aparência, mas também na funcionalidade”.

Seguimos trabalhando com os olhos, transformados em janelas que, primeiramente, se abriam para paisagens construídas. Percebemos muitas comunalidades nas representações daquilo que era desejado ver: paz, família, natureza, amor e realização de sonhos. Também surgiram olhares para os desafios enfrentados, para o despertar para o mundo, para a vida pela frente, para novos aprendizados e para o descanso.

No segundo momento, ao retomarem contato com o tecido bordado, se surpreenderam: “Eu não lembrava, que lindo!”, “Nem acredito, fui eu mesma quem fez?”. Notamos ali o prazer genuíno que adveio da valorização da própria expressão. Ao abrirem as janelas sobre ele, novas surpresas vieram com as imagens que se apresentaram, os recortes daquilo que já estava constituído. Após apreenderem o todo, se debruçaram nos detalhes e relataram que eles não seriam notados sem um olhar atento.

Convidadas a intervirem nas imagens ali postas, com elementos vindos do canson, a princípio se mostraram resistentes na construção do diálogo entre o que queriam ver e o que se apresentava, “Assim está bom, não precisa mexer!”, mas aos poucos foram se conectando mais com as imagens e se sentindo confortáveis para acrescentar novos símbolos.

A produção consciente manual invoca uma pausa estratégica: parar, respirar, observar, elaborar, refletir, sentir a textura, fazer com as mãos, experimentar os fios e agulhas, testar os pontos, respeitar o tempo, analisar o trabalho que vai sendo tecido, sentir, encarar o resultado, identificar expectativa e realidade do que foi tecido. (AIELLO, 2019, p. 57)

Quando observaram novamente o tecido como um todo, uma outra composição se apresentou e foi recebida com entusiasmo pelo grupo: “Achei que ficaria muita coisa, mas não é que está bonito”. Este fazer suscitou uma reflexão sobre a possibilidade de ajustamentos na própria vida.

Na finalização, durante o acabamento dos trabalhos, relembramos o trajeto percorrido e ouvimos, de cada uma, como se sentiram durante as vivências e o que levavam dessas experiências. Nos disseram que o processo foi mobilizador e que despertava o desejo de saber aonde mais íamos percorrer: “O que será que vamos trabalhar na próxima semana?” e que se configurou como um elemento importante para uma presença mais consciente e atenta ao entorno, a si mesmas e às suas relações. Segundo uma das participantes: “Abrimos as janelas e arejamos a casa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas
– mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.*
Guimarães Rosa

O caminho percorrido durante os encontros trouxe a possibilidade de experienciar e refletir sobre a importância da escuta e do olhar atento, da desconstrução de estereótipos, da descristalização de mitos pessoais, do reconhecimento e respeito à diversidade e à individualidade e valorização da própria história e do próprio viver.

A arte foi fundamental para esse processo, pois, segundo Coli (2006), seu domínio é o do indizível, sem fronteiras nítidas; diferente do mundo da ciência, da lógica e da teoria, é um espaço fecundo, onde o contato com ela nos transforma. Ao criar, as participantes reconheceram

habilidades e entraram em contato com a própria sensibilidade. Expressaram não só como se percebem, mas também como percebem as pessoas e o mundo ao redor. Ativaram a imaginação dando forma aos desejos, sonhos, medos e possibilidades. Descobriram-se como criadoras e criativas nas produções e também na vida, entendendo que é possível buscar soluções originais para suas questões, lidando com elas fora dos padrões pré estabelecidos.

A convivência em um grupo heterogêneo, com diferentes vivências e consequentemente pontos de vista, acrescentou riqueza às trocas e ao debate sobre os temas que emergiram durante os encontros. Ao se disponibilizarem a experienciar uma maior qualidade de presença, através da escuta e olhar atentos, ampliaram a possibilidade do reconhecimento do lugar da outra, pois, segundo Rhyne (2000), “seja criando nossas próprias formas ou observando a criação dos outros, estamos ativamente tanto recebendo quanto transmitindo mensagens”, pois

quando podemos entrar na realidade imaginária criada por outra pessoa, conseguimos, às vezes, não só contatá-la pela comunicação empática, como também podemos dar boas-vindas a uma parte de nós mesmos que não tínhamos reconhecido anteriormente. (RHYNE, 2000, p. 96)

Sentir-se pertencente a um grupo, num espaço de acolhimento livre de julgamentos, possibilitou a abertura para expressão genuína dos medos, angústias, ansiedades, da sensação de impotência diante do que não podemos controlar e também para compartilhar identificações rotineiras através de memórias, risos, receitas e temperos que nutriam o conforto de estar em rede e as fortaleciam para a vida. Uma das participantes nos disse: “Esses encontros me trouxeram a possibilidade de ‘vida’ muita conversa e acolhimento. Aqui me sinto em casa”. Segundo Lamardo (2020), “colocar a palavra para circular é compreender que se trata de uma história viva”, que pode ser construída e resignificada. As conversas enquanto bordavam criavam pontes e estreitavam relações, desenhando também a história daquele grupo.

Tecer com fios ajuda no trabalho dos vínculos, uma vez que os fios, laços e nós correspondem, em sua simbologia, à formação dessas conexões. As pessoas estão constantemente em processo de atar e desatar nós, construir vínculos, mergulhadas em um grande processo de autoconhecimento e aprendizagem contínua.” (AIELLO, 2019, p. 57)

O mergulho nessas experiências de vida e no entrelaçar dos fios evidenciou como o envelhecer é uma construção social, multicultural e individual. Muitas das ideias relativas a esse processo são estruturadas a partir das nossas vivências e de conceitos sociais que internalizamos, mas que não necessariamente correspondem à realidade ou podem ser aplicados a todos.

Acreditamos na importância de buscar novas formas de inserção social, de criar espaços que possibilitem esses diálogos para repensar a mudança do papel e das significações atribuídas ao idoso em todas as esferas. Faz-se necessário facilitar encontros que fomentem se relacionar de forma mais sensível e criativa com as questões que se apresentam nesta fase da vida, refletindo sobre o potencial enriquecedor que diferentes pontos de vista podem agregar em nossas existências. E a arte é potencializadora deste processo, assim como diz Rhyne (2000),

a experiência artística é para o crescimento pessoal e para a educação e para o aumento da consciência e para a percepção e para a criatividade e para o senso de uma identidade pessoal e para muito mais – e todas estas são partes intrínsecas do processo terapêutico global.

Esperamos que este artigo possa contribuir para colocar luz no estudo da heterogeneidade da velhice e na importância de buscar espaços que facilitem vivenciar o tempo na dimensão de kairós, pois, assim como Pessini (2006), acreditamos que “mais do que acrescentar anos à vida, processo normal do cronos, estaremos acrescentando vida aos anos.”

Finalizamos nossa escrita com a fala de uma das participantes que sintetiza o objetivo do nosso trabalho:

“Descobri que ainda vale a pena viver! Ainda tenho um futuro a compartilhar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIELLO, M. A tecelagem terapêutica. Revista **URDUME** – Artes manuais têxteis, expressão e autoconsciência, Curitiba, n. 2, p. 57, 2019.
- AIELLO, M.; BARTCHEWSKY, C. Bem Me Quer: tecelagem e autoconhecimento. Revista **URDUME** – Artes manuais têxteis, expressão e autoconsciência, Curitiba, n. 1, p. 36, 2019.
- BARRAL, M. C. **Envelhecimento e luto**: reflexão sobre as perdas na velhice. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.
- CIORNAI, S. Arteterapia Gestáltica. In: CIORNAI, S. (org.) **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p. 20-169.
- CIORNAI; S. CAVALIERI; R. FERRARI, V. C. Arteterapia e qualidade de vida: possibilidades e contribuições. In: **Geriatría**: prática clínica baseada em evidências. v. 1. Hospital Sírio Libanes. São Paulo: Editora dos Editores, 2023.
- CHINEN, A. B. **E foram felizes para sempre**: contos de fadas para adultos. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- COLI, J. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DUMONT, M. Quando a linha é o caminho: bordado como autocuidado no tempo presente. Disponível em: <https://bordadoarte.matizesdumont.com/bordado-como-autocuidado/>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- HECK, Silvane. Inês. **Bordar, transbordar, integrar**: estudo etnográfico sobre os impactos da prática do bordado na vida das mulheres que integram a Associação das Bordadeiras Tecendo Memórias. 2020. 142 p. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2020.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pirâmide Etária 1970-2022. **Atlas Geográfico Escolar**. Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/brasil/3051-caracteristicas-demograficas/idade/21898-piramide-etaria-1970-2022.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- LAMARDO, L. Tecelagem de tempos e memórias. Revista **URDUME** – Artes manuais têxteis, expressão e autoconsciência. Curitiba, Ano 2, n. 5, p. 48-50, 2020.
- LEVY, B. **A coragem de envelhecer**: a ciência de viver mais e melhor. Tradução Cláudio Carina. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.
- MINAYO, M. Prefácio. In: TRENCH, B.; ROSA T. (org.) **Nós e o Outro**: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto da Saúde, 2011.

NOGUEIRA, C. **Têxteis do Brasil** – Rendas e Bordados. 1. ed. Helena Kussik (organização e textos); Bianca Matsusaki (descrições técnicas); Nathália Abdalla (fotografia); Camila do Rosário (ilustração). São Paulo: Artesol, 2024.

SECRETARIA NACIONAL DA POLÍTICA DE CUIDADOS E FAMÍLIA – Nota Informativa n. 5/2023. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

SKINNER, B. F. VAUGHAN, M. E. **Viva bem a velhice aprendendo a programar a sua vida**. Tradução Anite Liberalesso Neri. 6. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PESSINI, L. Finitude: viver no pesadelo de cronos ou escolher a benção de kairós? *In: Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: PUC, 2006. p. 61-71.

PRIORE, M. D. **Uma história da velhice no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2025.

REZENDE, N. Texturizando superfícies: narrativa e sensibilidade tátil na obra de Anni Albers. *In: Textos e Têxteis: questões de intermedialidades*. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2021. p. 15-33.

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. Tradução Maria de Betânia Paes Norgren. São Paulo: Summus, 2000.

VIEIRA, E. V. C. (org). Apresentação. **Textos e Têxteis: questões de intermedialidades**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2021. p. 9-13.

Material de apoio dos encontros:

TED Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?subtitle=pt-br.

Escutatória, de Rubem Alves.

O guardador de rebanhos, de Fernando Pessoa.

Ver vendo, de Otto Lara Resende.

MUITO MAIS QUE UM PORTA-RETRATO: A FOTOGRAFIA TERAPÊUTICA E SUAS APLICAÇÕES

Nellie Solitrenick¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo elaborar uma breve revisão da literatura científica publicada a respeito da Fotografia Terapêutica. Minha trajetória na fotografia, tanto jornalística como documental e familiar, data de meados dos anos 1970. Já minha formação na área da saúde, com especialização em Gerontologia, é algo recente. Minha busca tem sido unir duas áreas tão diferentes. Em uma profunda conversa com o Coordenador de Cuidados Integrativos do Hospital Sírio-Libanês, Plínio Cutait, veio a ideia de buscar na Arteterapia este encontro.

Palavras-chave: arteterapia; fotografia; fotografia terapêutica; envelhecimento; idoso; gerontologia

ABSTRACT

This research aims to prepare a brief review of scientific literature published on Therapeutic Photography. My trajectory in photography, both journalistic, documentary and family, dates back to the mid-1970s. My education in health, with a specialization in Gerontology, is something recent. My quest has been to bring together two very different areas. In a deep conversation with the Coordinator of Integrative Care at Hospital Sírio-Libanês, Plínio Cutait, came the idea of seeking this blessed meeting in Art Therapy.

Keywords: art therapy, photography, therapeutic photography, aging, elderly, gerontology

A fotografia em terapia também atua como uma ponte, um elo entre duas pessoas separadas e seus mundos. Conectando, ocupando o espaço entre elas, um espaço que pode estar cheio de possibilidades criativas (BERMAN, 2019).

As fotografias são pegadas de nossas mentes, espelhos de nossas vidas, reflexos de nossos corações, memórias congeladas que podemos segurar em silêncio silencioso em nossas mãos, para sempre, se quisermos (WEISEr, 2014, p. 1).

¹ Nellie Solitrenick, fotógrafa desde 1974, com formação em Artes Plásticas e Enfermagem, especialização em Gerontologia e Arteterapia, com foco em Fotografia Terapêutica. Desde meados de 2000, se dedica à Fotografia de Família e à Organização de Arquivo Fotográfico, e atua como arteterapeuta especializada em idosos.

INTRODUÇÃO

Como Trabalho de Conclusão do Curso de Arteterapia, optei por fazer uma breve revisão da literatura acadêmica sobre Fotografia Terapêutica, para, então, ilustrar o tema com alguns cases. Segue aqui um recorte deste TCC.

Cada vez mais a fotografia vem sendo utilizada em várias formas de terapia, tanto pela linguagem em si, quanto pela democratização de uso, pois, com o advento dos celulares como máquina fotográfica, muita coisa mudou no comportamento da sociedade contemporânea.

Desde os anos 1970, a psicóloga e arteterapeuta canadense Judy Weiser vem teorizando a respeito das possibilidades de se trabalhar com fotografia no universo terapêutico. A Fotografia Terapêutica utiliza a fotografia como ferramenta terapêutica, tendo como objetivo produzir mudanças positivas. O universo da fotografia e seu uso é amplo: visualizar imagens, posar, executar projetos, bordar uma foto, fazer colagens, lembrar ou imaginar uma fotografia, ou simplesmente fotografar.

A Fotografia Terapêutica muitas vezes é confundida com Fototerapia (*PhotoTherapy*), que é o uso da fotografia em Psicologia ou Psicanálise. Para esta atividade, é necessário que o profissional tenha formação acadêmica. No Brasil, esses termos ainda se confundem, pois fototerapia é também conhecida como terapia com luzes ultravioleta.

A Fotografia Reflexiva, a Fotolinguagem e também a *Photo Voice* são outras formas do uso da imagem na área da psicologia, serviço social e em diversos tipos de pesquisa.

Schulze (2007), em sua monografia *A utilidade da fotografia reflexiva na pesquisa qualitativa*, afirma que a Fotografia Reflexiva como técnica foi inspirada no trabalho de Paulo Freire para estimular os membros de um grupo a analisar criticamente suas próprias situações. Entre outras coisas, as fotografias desencadeiam um tipo de reação que leva as pessoas a fazer e pensar em coisas que esqueceram (ou ver coisas que sempre souberam) de uma nova maneira.

A Fotolinguagem© é um método criado em 1965 por um grupo de psicólogos e sociólogos franceses para trabalhar com adolescentes, utilizando a fotografia como suporte aos jovens que encontram dificuldades em se expressar e falar em grupo. Posteriormente, a ideia foi ampliada para o trabalho com adultos, um método aplicado em empresas, em educação e também no campo social (VACHERET, 2008, p. 181).

PhotoVoice é um conceito desenvolvido pela estadunidense Caroline Wang e pela inglesa Mary Ann Burris, em 1997. É uma técnica em que os participantes fotografam as suas realidades cotidianas, e o resultado é usado durante as discussões orientadas para estimular os participantes a "[...] refletirem sobre suas próprias condições de vida, mas também no sentido de partilhar as suas experiências" (WITH *et al.*, 2009, p. 6). Criado com base na promoção da saúde pública, desenvolvimento comunitário e educação, o termo é um acrônimo para *Voicing Our Individual and Collective Experience* (dar voz à experiência individual ou coletiva).

Essas técnicas tratam a fotografia como comunicação emocional, não sendo necessário conhecimento prévio. E qualquer tipo de imagem é bem-vinda, analógica ou digital,

estática ou em movimento, colorida ou preto e branco, autoral ou de terceiros. A fotografia sempre será uma ferramenta de apoio para quem a comunicação verbal nem sempre é fácil, por razões físicas, cognitivas ou emocionais.

Uma fotografia provoca sentimentos, evoca memórias e ocupa lugares na mente e no coração de quem a contempla. A foto é atemporal, pois quando o instante é captado, pode ser visto em outros tempos, com outros olhos, olhares e percepções (Weller; Bassalo, 2011, p. 299). E Garros *et al.* (2017, p. 2) complementam:

O ato de fotografar, enquanto atividade, pode ser um meio transformador da percepção da vida do indivíduo, uma forma de expressão da sua realidade, seus sonhos e emoções, considerando que a imagem, quando visualizada, sempre carrega e veicula um pensamento, tanto da pessoa que a fez como de quem a vê.

UMA PEQUENA REVISÃO LITERÁRIA ACADÊMICA

Do conceito de Arteterapia

Margaret Naumburg (1890-1983), Edith Kramer (1916-2014) e, posteriormente, Janie Rhyne (1913-1995) foram as precursoras da Arteterapia. A estadunidense Naumburg é reconhecida como a primeira psicoterapeuta a usar a arteterapia; ela acreditava que a modalidade poderia ser usada tanto para diagnosticar quanto para tratar problemas de saúde mental, e que a arte poderia permitir que sentimentos inconscientes viessem à tona, assim como a psicanálise era tradicionalmente usada para lidar com o inconsciente. Naumburg usava a arte para ajudar os clientes a visualizar e resolver conflitos interpessoais, e argumentava que o cliente, e não o terapeuta, deveria interpretar o significado da arte.

Enquanto Naumburg acreditava que a arte era uma ferramenta importante na terapia, para Kramer a própria arte era terapêutica. A artista, educadora e terapeuta austríaca, observou seus alunos com graves problemas emocionais e comportamentais canalizarem sua “raiva, ansiedade e dor” e expressá-las visualmente em sua arte.

A estadunidense Janie Rhyne, professora de artes, terapeuta e cientista social, introduziu a “experiência artística Gestalt” para descrever seu método terapêutico, que utiliza técnicas criativas de expressão visual. Rhyne desempenhou um papel importante no estabelecimento de padrões profissionais para arteterapeutas. Ela defendeu processos de credenciamento que garantissem qualidade e práticas éticas na área, essenciais para a integridade e o reconhecimento da profissão.

Cathy Malchiodi (2005), autora do livro *Terapias expressivas*, afirma que podemos encontrar significado, autocompreensão, crescimento pessoal, empoderamento e cura por meio do processo de fazer arte. A arte pode ser uma ferramenta transformadora.

A arteterapia, facilitada por um arteterapeuta profissional, apoia efetivamente os objetivos de tratamento pessoais e relacionais, bem como as preocupações da comunidade. A arteterapia é usada para melhorar as funções cognitivas e sensório-motoras, promover a autoestima e a autoconsciência, cultivar a resiliência emocional, promover o *insight*, aprimorar as habilidades sociais, reduzir e resolver conflitos e angústias e promover mudanças sociais e ecológicas (AATA, The American Art Therapy Association).

Do conceito de fotografia terapêutica

Para realizar essa revisão literária, utilizei o Google Acadêmico, referências bibliográficas de livros estrangeiros sobre o assunto e, principalmente, a plataforma americana academia.edu. Como busca, usei as palavras-chave: arteterapia, fotografia, fotografia terapêutica, envelhecimento, idoso, gerontologia, tanto em português como em inglês. No Brasil, encontrei poucas publicações sobre o assunto, como relato a seguir.

A arteterapeuta paulistana Maria Cecilia Branco de Souza Leite, em seu estudo (2020) sobre a aplicação da fotografia na arteterapia, atesta que “[...] a cada dia mais usamos a fotografia das mais diversas formas, como meio de comunicação social, portanto, é natural pensarmos a imagem fotográfica também como uma ferramenta arteterapêutica que possibilite a promoção da saúde psíquica, assim como ocorre com as demais linguagens artísticas” (SOUZA LEITE, 2020, p. 13).

O objetivo da pesquisa realizada por Souza Leite foi trazer afetos e emoções, através de imagens, narrativas, histórias, escrita livre, desenhos, pinturas e recortes, utilizando recursos arteterapêuticos para resgatar e ressignificar a história pessoal dos participantes desse estudo.

Ao se resgatarem, via fotos, alguns sons, músicas, histórias passadas etc., abrem-se possibilidades de tornar conscientes histórias primitivas do sujeito ou mesmo reencontrar parte do que recalcou ou transformou em sintomas/repetições. Esse material subjetivo, que retorna através das lembranças e memórias, abre a oportunidade para uma nova elaboração. E, como no sofisma lacaniano, pela modulação que consistiria nos três momentos de evidência: “o instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir” (Lacan, 1945, p. 197). As mesmas etapas podem ser equiparadas, no campo terapêutico, com fotografias (SOUZA LEITE, 2020, p. 4).

A Sociedade Coreana de Arteterapia realizou em 2017 um estudo de revisão sistemática de literatura, tendo como objetivo examinar a pesquisa em fotografia como um meio de terapia. Foram pesquisadas palavras-chave relacionadas a fotografia, aconselhamento, psicoterapia e arteterapia em 145 artigos publicados até fevereiro de 2017. No campo da

arteterapia, foram revisados 66 artigos que atendem às condições de pesquisa sobre o uso da fotografia como meio de tratamento.

De acordo com os resultados, com o desenvolvimento da tecnologia fotográfica, houve uma mudança no uso das fotografias como meio de tratamento e nos tipos de aplicação da fotografia. Técnica de fototerapia e trabalho de arte; ferramentas qualitativas de pesquisa baseadas em arte e indução de fotos; fotografia retrospectiva; escrita, meditação, atenção e fotografia foram modalidades encontradas nos variados estudos.

O russo Alexander Kopytin relata em seu estudo *Fotografia e arteterapia: uma parceria fácil* (2008) que, sendo a fotografia um meio visual, é natural que os terapeutas de arte considerem seu uso e potencial terapêutico. Paradoxalmente, no entanto, existem apenas raros casos em que os arteterapeutas exploraram o uso da fotografia. O objetivo de seu artigo é estimular o pensamento sobre fotografia a partir de uma postura terapêutica artística que envolva seu uso na prática clínica.

Ana Lucia Lima, em seu artigo “Do lambe-lambe à câmera digital: a fotografia contribuindo com a arteterapia no resgate de raízes, memórias e identidades em mulheres na terceira idade” (2013), nos conta que podemos tornar a imagem, antes “emoção cristalizada”, em forma mutante, que se amplia e se transforma. E cita a arteterapeuta carioca Angela Philippini:

Às vezes uma pequena e antiga foto em preto e branco, quando reproduzida e redimensionada, traz uma sequência de fatos esquecidos e pistas perdidas, recuperando trilhas para territórios internos, esquecidos e longínquos. São imagens que dão sinais, reativam memórias, sentimentos, são fios condutores de acesso à história individual ou familiar, permitindo assim sua reconstrução (PHILLIPINI *apud* LIMA, 2013, p. 82).

Um outro estudo realizado em 2013 por um grupo de assistentes sociais em Indiana, EUA, resumiu e classificou intervenções clínicas abordando fotografia. A maioria das intervenções envolveu tarefas que incluíam tirar fotografias ou criar algum tipo de produto fotográfico (por exemplo, colagens, séries temporais de instantâneos). Normalmente, essas atividades fotográficas realizadas tanto em terapia individual como em grupo focavam habilidades sociais, de enfrentamento, autoestima ou identidade para adultos e adolescentes. Esse projeto mostrou o potencial da fotografia como uma ferramenta poderosa para o trabalho com a saúde mental, ao melhorar a vida das pessoas atendidas por assistentes sociais (DECOSTER; DICKERSON, 2014, p.14).

As italianas Martina Tramontano e Emanuela Saita, em 2018, em seu trabalho de pesquisa em psicologia, *Navegando na complexidade do uso terapêutico e clínico da fotografia em contextos psicossociais: uma revisão da literatura*, concluem que a utilização do estímulo fotográfico tem sido consistentemente associada a melhorias de habilidades emocionais, cognitivas e expressivas no nível individual, grupal ou comunitário. Evidências empíricas confirmam como as imagens podem ativar e facilitar a comunicação de pensamentos e emoções sem a limitação da linguagem

verbal, o que contribui para superar desafios ou dificuldades que alguns indivíduos podem enfrentar.

No artigo “Usando fotografias para capturar as experiências das mulheres em quimioterapia: refletindo sobre o método”, as psicólogas inglesas Diana Harcourt e Hannah Frith examinam o valor do uso do método de entrevistas chamado fotoelicitación, que utiliza imagens para gerar narrativas relacionadas à saúde e outras questões sociais. Baseando-se em pesquisas nas quais as mulheres mantinham um registro fotográfico de suas experiências de tratamento quimioterápico para câncer de mama, esta pesquisa explorou como esse método produzia relatos elaborados de experiências de doenças através da exploração do processo de representação de experiências e de um interrogatório sobre as próprias imagens; permitiu a oportunidade de capturar experiências ao longo do tempo e uma maneira de capturar o passado, que pode ser reexplorado a partir do presente; capacitou os pacientes a manter o controle sobre as imagens de si mesmos e como eles escolhem representar suas experiências; e proporcionou uma janela para as experiências cotidianas privadas de pacientes afastados de um ambiente de assistência médica (HARCOURT; FRITH, 2007).

O uso da fotografia como meio terapêutico tem o potencial de fornecer uma abordagem alternativa para ajudar veteranos de guerra. Com resultados bem-sucedidos publicados, o artigo escrito por DeCoster e Lewis, em 2013, “Uma atividade fotográfica para expressar a rejeição da vida após o combate”, detalha os protocolos para uma atividade fotográfica direcionada ao cliente, dando voz (imagem) ao ajuste dos veteranos à vida após a guerra. O objetivo dessa experiência de foto/imagem foi criar com o veterano uma expressão fotográfica de seu reajuste pós-combate. Os autores concluem com uma discussão de possíveis adaptações desses protocolos e pesquisas futuras. Essa atividade fotográfica mostrou reduzir significativamente sintomas de TEPT (transtorno do estresse pós-traumático) e melhorar o bem-estar geral de seis veteranos do Vietnã e do Iraque.

A fotografia é um documento e, como tal, é estático, frio e morto. Porém, ganha vida, luminosidade e sentimentos com o olhar da pessoa que interage, de alguma forma, com ela (SANTOS, 2004, p. 231).

O assistente social e professor de fotografia terapêutica Neil Gibson, em seu livro *Fotografia Terapêutica: aprimorando a autoestima, a autoeficácia e a resiliência*, aponta que as técnicas de fotografia terapêutica escolhidas pelo profissional influenciarão os resultados que, em geral, se enquadram em quatro categorias: controle/autorrevelação, autoeficácia, autoestima e empoderamento.

JUDY WEISER E AS CINCO TÉCNICAS DA FOTOGRAFIA TERAPÊUTICA

Segundo Weiser (2014), a fotografia pode evocar sentimentos, pensamentos e memórias, trazendo à tona valores, crenças, atitudes e expectativas relacionadas, que muitas vezes não são possíveis quando se utilizam apenas outros meios de arte.

Em contraste com as técnicas de *PhotoTherapy* (Fototerapia) – que são práticas de terapia conduzidas por um profissional psicólogo ou psicanalista –, as técnicas de Foto-

grafia Terapêutica são práticas fotográficas nas quais o foco pretendido é produzir mudanças positivas em indivíduos, casais ou famílias, mas também incluem técnicas mais amplas de fotografia de ação social, com o objetivo de melhorar o bem-estar, reduzir a exclusão social e criar mudanças positivas nos níveis comunitário e social. As atividades fotointerativas são usadas para aumentar o autoconhecimento, contribuindo para o aprendizado pessoal e emocional, ativando uma mudança positiva no indivíduo.

Promoção de saúde, cura, reabilitação e expressão de si mesmo são os objetivos tanto da Fotografia Terapêutica quanto da “Fototerapia”, e ambas precisam de um facilitador que tenha conhecimento na área da saúde, ou educação, ou de assistência social e entenda o poder da fotografia (LOEWENTHAL, 2013).

As cinco técnicas básicas de fotografia terapêuticas são:

1. Fotos que foram tiradas pelo cliente usando uma câmera ou celular

A médica Dra. Liz Brewster e o professor de biblioteconomia Andrew Cox, ambos ingleses, vêm pesquisando há alguns anos projetos *on-line* de “1 foto por dia”, que fazem parte de uma nova infraestrutura de socialidade e criatividade. A pesquisa, baseada na Fotografia Terapêutica, demonstrou que esses projetos são mais do que isso: eles trazem uma contribuição definida para melhorar o bem-estar, podendo levar a uma sensação de propósito, competência e conquista.

“Quando se fala muito sobre os efeitos viciantes ou prejudiciais das mídias sociais, é importante reconhecer que as pessoas também as usam de maneiras engenhosas para melhorar suas vidas” (BREWSTER; COX, 2017, p. 85). Um participante disse: “Meu trabalho é muito estressante, alguns dias eu quase não paro para respirar... E apenas o pensamento: ‘oh, espere um momento, eu vou parar e tirar uma foto desse inseto sentado no meu computador’. Só em parar um momento já é muito salutar”.

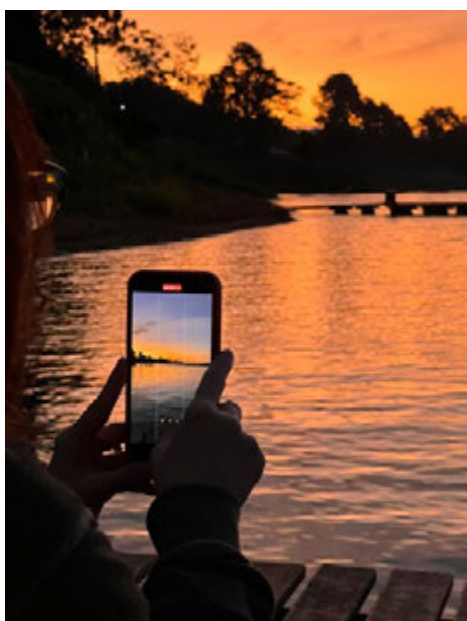


Figura 1*

* Todas as imagens são de arquivo pessoal da autora.

2. Fotos que foram tiradas do cliente por outras pessoas, posadas ou espontâneas

Outras pessoas, que não o cliente, tomaram todas as decisões sobre tempo, conteúdo, localização e assim por diante. Durante vários anos, fiz um trabalho fotográfico com um grupo de mulheres que passaram por mastectomia. Elas me procuraram para contar suas histórias e assumir seu novo corpo. Nessa época, nunca tinha ouvido falar em Fotografia Terapêutica, e mal sabia o quanto estava ajudando essas mulheres a elevar sua autoestima.



Figura 2

3. Álbum de família e outras coleções fotobiográficas

Seja de família de nascimento ou família de escolha; mantidas em álbuns ou combinadas em narrativas por colocação em paredes ou portas de geladeira, dentro de carteiras ou porta-retratos, em telas de computador ou sites de família, etc. – que foram reunidos com o objetivo de documentar as informações pessoais, narrativa da vida do cliente e do contexto a partir do qual ele se desenvolveu. Esses álbuns têm uma “vida” separada e muito além das imagens individuais que os compõem. Hoje existe até um nome para tal, Fotografia Vernacular, termo cunhado pelo historiador e curador Geoffrey Batchen.

O álbum de família é um importante acervo documental iconográfico e patrimônio do grupo familiar. Funciona não somente como arquivo de registros da memória, mas, sobretudo, como imagens disparadoras de afetos, sentimentos e recordações instigadores de narrativas capazes de ampliar a compreensão do passado e do presente (SANCHES-JUSTO, 2008, p. 7).

4. A técnica “Fotoprojetos”, ou Fotoprojeções ou mesmo Fotografia Projetiva

Refere-se a como vemos e interpretamos o mundo ao nosso redor e como vemos e interpretamos o mundo sendo único para nós. Quando olhamos para as fotos, nossas

interpretações, gostos e desgostos são baseados “em nossos mapas internos do mundo” (WEISER, 2014), seja consciente ou inconscientemente. Vemos o que é importante para nós e por isso nos projetamos na imagem que estamos olhando. Esta técnica projetiva usa a fotografia para provocar uma resposta emocional. A imagem pode nos lembrar de algo ou alguém e trazer à tona sentimentos associados a essas memórias.

Esta é uma técnica muito utilizada com idosos com demência, pois apenas a escolha das imagens já nos diz muito sobre eles. Usamos no nosso estágio da Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) em vários momentos, principalmente nas apresentações.



Figura 3

5. Autorretrato

A foto que os clientes tiram de si, em que eles próprios têm total controle e poder sobre os aspectos da criação da imagem, mesmo que o outro dispare o botão.

O autorretrato permite que qualquer pessoa produza uma obra de arte instintivamente, sem saber nada sobre fotografia, e mais e mais pessoas hoje sentem um forte desejo de autorrepresentação. Encarar a lente da câmera e liberar o obturador imediatamente nos leva ao nosso primeiro processo essencial de definição do eu: o reconhecimento de nossa imagem no espelho. Objetivando nosso “lado sombrio” em uma fotografia, podemos nos separar daquilo que não gostamos e abrir um espaço para catarse ou renovação (NUÑEZ, 2009).

RELATO DE EXPERIÊNCIA – O USO DA FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NO ATENDIMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA

Assim como Tótora (2008), em seu estudo *Apontamentos para uma ética do envelhecimento*, podemos pensar o idoso como um artista capaz de olhar a vida com outros olhos, mais criativos e livres dos estereótipos sociais que ditam como um idoso deve se portar. A fotografia pode ser justamente um dispositivo facilitador para este propósito. A máquina fotográfica hoje está tão popularizada que perdeu seu status

de ferramenta, equipamento ou instrumento artístico, utilizado exclusivamente por profissionais.

Colocar a máquina fotográfica nas mãos dos idosos é provocar novas intervenções e transgressões. Transgredir ideias fixas a respeito da decrepitude da velhice e também a respeito da estática da fotografia (SANCHES-JUSTO; VASCONCELOS, 2012, p. 107).

No trabalho “Em busca dos sentidos produzidos pelo ato fotográfico na velhice”, de Sanches-Justo e Vasconcellos (2012), os autores atestam que,

[...] a fotografia permite ao sujeito expressar seus sentimentos e visões de mundo através das imagens. A releitura da fotografia é um recurso que pode proporcionar construção de memórias e pensamentos, possibilitando ressignificação da própria história. Com a utilização da foto, é possível perceber pequenos detalhes do cotidiano, antes imperceptíveis, que ganham sentido e refinam a descrição de mundo do indivíduo que observa a imagem.

De acordo com Samain e Bruno (2007), percebe-se que o idoso tem na fotografia um recurso que lhe permite olhar para dentro de si mesmo e ir ao encontro de sua própria subjetividade.

No estágio em Arteterapia, supervisionado pela Professora Iraci Saviani, realizado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) entre abril e dezembro de 2019, o grupo das arteterapeutas em formação – Cristina Negrão Faria, Natália Cabral e Nellie Solitrenick – identificou a falta de vínculo entre as moradoras. Algumas com demência avançada e outras com o cognitivo ainda preservado agiam com distanciamento, mesmo com as coabitantes do mesmo quarto. Foram propostas então consignas focando sempre na interação do grupo. Relato abaixo a atividade do uso da Fotografia em uma dessas oficinas.

Fizemos um retrato de cada participante, com cópia fotográfica em tamanho real. Recortamos os olhos, nariz e boca e pedimos que cada idosa escolhesse um desses itens e montasse um rosto. Foi uma grande surpresa para elas, quando compreenderam que ali estava o rosto delas próprias misturado com o das “amigas”. A partir disso, pudemos observar que essa experiência, pelo menos momentaneamente, brotou nelas um senso maior de coletividade. No final do estágio, coincidindo com os festejos de final de ano, montamos uma exposição dos trabalhos realizados por elas, e pudemos observar como essas fotos reverberaram nelas e nas famílias.

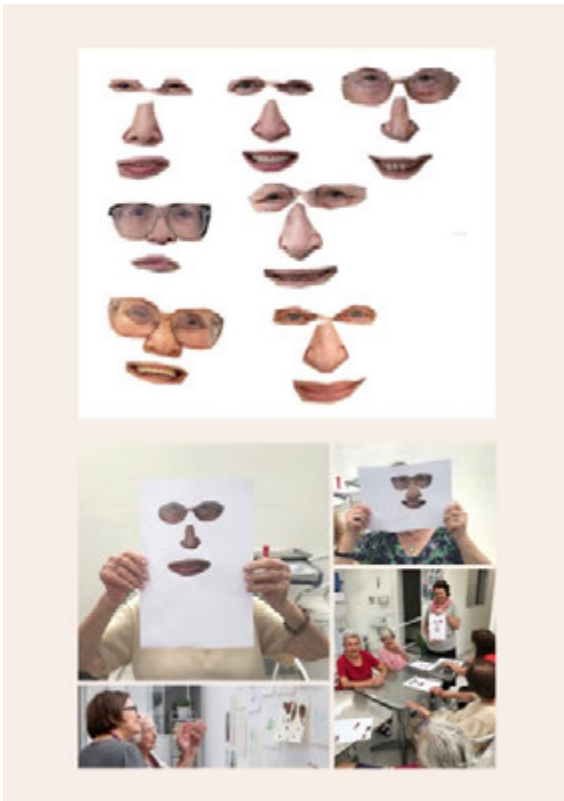


Figura 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo da fotografia é imenso, promove comunicação, sensações e autoestima, auxilia na memória, pode proporcionar coesão e promover o desenvolvimento de relacionamentos positivos, auxilia nos processos de mudança, propõe reflexões, e, além de tudo, pode se tornar um *hobby*.

O uso da câmera fotográfica ou do celular auxilia na autoexpressão, comunicando de uma forma que não dependa de palavras, propondo olhares para as situações de diferentes perspectivas, e para aqueles que muitas vezes se sentem paralisados diante de uma folha em branco e de uma caixa de lápis de cor, a fotografia é libertadora.

Como observou a escritora americana Susan Sontag: “a fotografia tornou-se um entretenimento quase tão difundido quanto o sexo e a dança... é principalmente um rito social, uma defesa contra a ansiedade e uma ferramenta de poder” (SONTAG, 1977, p. 8).

Com a “democratização” do ato de captar uma imagem, ficou mais acessível ter uma câmera de qualidade nos celulares, facilitando o processo fotográfico. Aproveito então este espaço das considerações finais para propor às escolas de formação para Arteterapeutas que incluam, em suas propostas de ensino, mais práticas e exercícios que utilizem a Fotografia como recurso arteterapêutico, assim como o aprofundamento teórico nos estudos que vêm sendo publicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

American Art Therapy Association. Disponível em: <https://arttherapy.org/about-art-therapy/>.

BREWSTER, Liz; COX, Andrew. **Tire uma foto por dia e me ligue de manhã**: explorando projetos de fotografia e bem-estar. Lancaster University, Lancaster; Universidade de Sheffield, Sheffield, 2017.

DECOSTER, Vaughn A.; DICKERSON, James. **O uso terapêutico da fotografia no serviço social clínico**: melhores práticas baseadas em evidências. Department of Social Work, University of Southern Indiana, Evansville, 2014.

DECOSTER, Vaughn; LEWIS, Sevena. **Uma atividade fotográfica para expressar a rejeição da vida após o combate**. University of Southern Indiana, Evansville, 2013.

GARROS, Danielle S. C.; HIRANO, Érika; MASELLA, Gabrielle F.; TOYODA, Cristina Y. Oficina de fotografia como recurso terapêutico ocupacional com idosos. **Revista Brasileira de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 598-602, 2017.

GIBSON, Neil. **Therapeutic Photography**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2018. p. 26.

HARCOURT, Diana; FRITH, Hannah. Usando fotografias para capturar as experiências das mulheres em quimioterapia: refletindo sobre o método, 2007.

KOPYTIN, Alexander. **Fotografia e arte-terapia: uma parceria fácil**. p. 49-58, 2008.

LIMA, Ana Lucia. Do lambe-lambe à câmera digital: a fotografia contribuindo com a arteterapia no resgate de raízes, memórias e identidades em mulheres na terceira idade. 2013.

LOEWENTHAL, Del. **Phototherapy and Therapeutic Photography in a Digital Age**. UK: Routledge, 2013.

NUÑEZ, Cristina. O autorretrato, uma ferramenta poderosa para autoterapia. 2009.

RHYNE, Janie. **Arte e gestalt**. São Paulo: Summus, 1984.

SAMAIN, Etienne; BRUNO, Fabiana. Uma cartografia verbo-visual da velhice: fotobiografias e montagens das memórias, 2007.

SANCHES-JUSTO, Joana. **Olhares que contam histórias**: a fotografia como memórias e narrativas da família. Assis, 2008.

SANCHES-JUSTO, Joana; VASCONCELLOS, Mário. Em busca dos sentidos produzidos pelo ato fotográfico na velhice. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 9, n. 2, p. 120-126, 2012.

SANTOS, Regina. Fotografia: ressignificando a própria história. In: CIORNAL, Selma (org.). **Percursos em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

SCHULZE, Salome. A utilidade da fotografia reflexiva na pesquisa qualitativa: um estudo de caso no ensino superior. Department of Continuing Teacher Education, University of South Africa, Pretoria, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SOUZA LEITE, M. C. Fototerapia – um processo arteterapêutico pelo mundo das imagens. **Revista de Arteterapia da AATESP**, São Paulo, v. 11, n. 1, 2020.

TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 11, n. 1, p. 21-38, jun. 2008.

TRAMONTANO, Martina; SAITA, Emanuela. **Navegando na complexidade do uso terapêutico e clínico da fotografia em contextos psicossociais**: uma revisão da literatura. Department of Psychology, Catholic University of the Sacred Heart, Milan, 2018, p.10.

VACHERET, C. A Fotolinguagem©: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 2, p. 180-191, 2008.

WEISER, Judy. **Phototherapy Techniques**: Exploring the Secrets of Personal Snapshots and Family Albums. Vancouver: Phototherapy Centre Press, 1999.

WEISER, Judy. Estabelecendo a estrutura para o uso de fotos nas práticas de arteterapia (e outras terapias), 2014.

WELLER, Wivian; BASSALO Lucélia de Moraes B. Imagens: documentos de visões de mundo. **Revista Sociologias**, [S. l.], v. 13, n. 28, p. 284-314, 2011.

WITH, Beverly Palibroda *et al.* **A Practical Guide to Photovoice**: Sharing Pictures, Telling Stories and Changing Communities. Winnipeg: The Prairie Women's Health Centre of Excellence, 2009.

SURREALISMO CONTEMPORÂNEO

Grupo EncontrArte

O EncontrArte é um grupo de arteterapeutas vinculado ao Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, que se reúne com o propósito de estudar, conversar e fazer arte. Além dos encontros regulares, realizados de forma **online**, o grupo realiza visitas a exposições e vivências artísticas presenciais, mantendo-se em sintonia com o que acontece no mundo e atuando como Arteterapeutas Artistas.

Com o intuito de contribuir para a formação continuada do ser arteterapeuta, o grupo fomenta um espaço de estudo, trocas e expressão artística – compreendido como fundamental nesse processo de formação. Dessa forma, buscamos caminhos para atuar de maneira mais consciente e sensível em diferentes esferas: pessoal, grupal e social.

Tendo como semente inspiradora o capítulo “EncontrArte: viver arte, criar e recriar a vida”, de autoria da Profa. Ma. Iraci Saviani, publicado na coletânea *Percursos em Arteterapia* (2004), o grupo vem acontecendo sob sua coordenação desde setembro de 2021, quando teve início de forma **online**. Desde então, tem se consolidado como um espaço fértil de trocas, reflexões e criação.

Participar do ateliê EncontrArte é também entrar em contato com diferentes espaços, culturas e linguagens do mundo contemporâneo. Mais do que um grupo de estudos, o EncontrArte se constitui como espaço transformador, que transcende o ateliê e resgata o lugar do poético na vida, promovendo um novo olhar, em que o fluir do criativo revigora a energia vital, sensual e espiritual.

Entre outras atividades, em 2023, o grupo participou do 12º Fórum Paulista de Arteterapia da AATESP, integrando uma mesa temática vinculada ao eixo “O ateliê arteterapêutico no contexto educacional”. A apresentação, intitulada *Ateliê EncontrArte*, teve como objetivo compartilhar a experiência do grupo como uma semente inspiradora para a criação de outros espaços de formação continuada do ser arteterapeuta, visando o aprimoramento e a atualização de conhecimentos, habilidades e competências, além de um espaço de transformação e ampliação de visão de mundo.

O grupo já aprofundou temas como a Bienal de 2021, cujo tema foi “Faz escuro, mas eu canto”; o centenário da Semana de Arte Moderna, em 2022, e seus ecos nos dias atuais; e, em 2023, dedicou-se à obra *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard, relacionando-a ao tema “casa”, que havia emergido ainda no ano anterior, quando o grupo teve a oportunidade de visitar a casa de Mário de Andrade, entre outras experiências.

O grupo EncontrArte tem uma composição aberta e dinâmica, com participação voluntária e flexível, permitindo que as pessoas entrem e saiam conforme sua disponibilidade

e interesse pelos temas propostos. Para participar do grupo, é necessário ser filiado ao Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae e entrar em contato com a coordenadora, Profa. Ma. Iraci Saviani, para ser incluído no grupo de WhatsApp. É por meio desse grupo que ocorrem muitas trocas, são combinadas visitas a exposições e fica registrado o *link* dos encontros semanais, realizados via Google Meet.

Em 2024, participaram do grupo as arteterapeutas: Amália Alonso, Ana Alice Francisquetti, Beatriz Maruyama, Dorianna Venturini, Fabiana Fairbanks, Flávia Florencio, Iraci Saviani, Isabella Cesar, Maria Augusta Fortes Natal, Marcela Kitayama, Márcia Agustini, Nádia Tobias de Souza, Nellie Solitrenick, Nilce Cappoccia, Raquel Paternostro, Regina Moutinho e Valéria R. Fazio.

A experiência do EncontrArte reforça a ideia de que o processo criativo não é uma ação isolada, mas uma rede viva de trocas e influências. Como ressalta Cecília Salles (2016):

Devemos pensar, portanto, a obra em criação como um sistema aberto que troca informações com seu meio ambiente. Nesse sentido, as interações envolvem também as relações entre espaço e tempo social e individual, em outras palavras, envolvem as relações do artista com a cultura, na qual está inserido, e com aquelas que ele sai em busca. A criação alimenta-se e troca informações com seu entorno em sentido bastante amplo. Damos destaque, desse modo, aos aspectos comunicativos da criação artística. (*Idem*, p. 32)

Assim, o percurso do grupo, que entrelaça pesquisas individuais e experiências coletivas, revela como o olhar e a pesquisa de cada participante ampliam e atravessam os olhares das outras, construindo um conhecimento compartilhado e em constante movimento.

Com essa compreensão da criação como um processo aberto e coletivo, o grupo seguiu sua trajetória de estudos e práticas ao longo de 2024, aprofundando-se no movimento surrealista, em comemoração aos cem anos do primeiro Manifesto Surrealista, escrito por André Breton em 1924 (o segundo manifesto foi publicado em 1939).

Em seu manifesto, Breton assinala que

a apaixonada busca pela liberdade foi a constante motivação que impulsionou o surrealismo [...] alcançar a completa liberação da poesia e, através dela, a liberação da vida, uma liberação que só podia ocorrer a partir do conhecimento do eu. (SCHWARZ, 2004, p. 23)

O SURREALISMO

Se olharmos para os movimentos da história da arte, vamos observar que os impressionistas se detiveram na cor e os expressionistas nos sentimentos, enquanto os surrealistas manifestaram o inconsciente humano, expressando-se através da poesia, pintura,

escultura, teatro, música, dança e fotografia, conduzindo a uma encruzilhada de renovação. A fotografia e a fotomontagem possibilitaram a multiplicidade; para além do original único, trouxeram a realidade em imagens planas e em preto e branco.

Os surrealistas tiveram a intenção de recuperar segredos perdidos, por meio dos quais o artista deveria se deixar levar pelo impulso, sem se preocupar com a lógica, como percebemos nas palavras da poesia de Apollinaire e nas pinturas de Chirico e Picasso.

Breton analisa a pintura, a escrita automática, a relação entre surrealismo e ciência, poesia, arquitetura e cinema. Luís Buñuel e Salvador Dalí realizaram o filme *Um Cão Andaluz*, cinema mudo produzido na França em 1929. Citando Hocke:

O passado está presente em nossas vidas. Obras fantásticas surrealistas existiam antes das produções de pintores como Bosch, Da Vinci e Brueghel. Existem gravuras do século XVII no Castel de Sant'Ângelo repletas de misticismo e insinuações demoníacas. Na verdade, é a expressão típica de um sonho surrealista. (HOCKE, 1967, p. 112)

Encontramos no filósofo Walter Benjamin (1994) um estudo que afirma: "O surrealismo, o último instantâneo da inteligência europeia" (p. 21), em um período pós-grande guerra mundial, de cidades esfaceladas e do contato nebuloso da existência humana frente à barbárie. Acarretando a decadência do viver, como ele mesmo afirma, há uma "crise de inteligência, ou melhor, do conceito humanista de liberdade" (*Idem, ibidem*).

Segundo Schwarz (2004, p. 23), "O surrealismo foi uma filosofia, um modo de ser, pensar, atuar e refletir sobre os fatos da vida e da história; um movimento cujo olhar dirigiu o seu foco para um mundo mental, material e ideal; para o amor, a arte, a poesia e a revolução."

Assim sendo, esse modo de pensar questionou o sentido das experimentações exclusivamente estéticas, priorizando novas ideias, novos caminhos para a imaginação, buscando significados no mundo dos sonhos, revelado pela psicanálise freudiana. Agregando as ideias de Gombrich (1999, p. 592), "os surrealistas procuravam ansiosamente sondar estados mentais em que o profundamente oculto no inconsciente pode vir à superfície".

O movimento surrealista foi influenciado pelas teses psicanalíticas de Sigmund Freud, que mostram a importância do inconsciente na criatividade do ser humano. A relação entre o surrealismo e a psicanálise está presente no sonho e na técnica do automatismo psíquico. O surrealismo trouxe uma nova forma de viver a arte: enfatiza a valorização da fantasia, do sonho, da sexualidade, do delírio e da loucura. Valoriza a liberdade criativa, o inesperado, o inconsciente, a escrita automática e as atitudes políticas.

Revimos alguns aspectos da vida de Antonin Artaud — poeta, membro do movimento surrealista francês —, declarado louco e internado em um asilo por nove anos. Dra. Nise da Silveira o considerava um mestre. Artaud referia-se a certos acontecimentos terríveis que podem ocorrer nas profundezas da psique: a perda dos limites do corpo e da personalidade.

A “loucura” diz respeito a todos; ela é uma importante dimensão do humano e nos lembra que “o ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos”, expressão que Nise da Silveira atribuiu a Antonin Artaud. (SILVEIRA, 1989, p. 82)

Embora os principais teóricos do surrealismo destacados em nosso estudo não tenham dado visibilidade à participação feminina, nós, como mulheres artistas e arteterapeutas, sentimos ser fundamental reconhecer a presença e a importância das mulheres no movimento surrealista. Mergulhamos, então, no estudo de suas trajetórias e obras, buscando ampliar nosso olhar e trazer à tona contribuições muitas vezes silenciadas pela história da arte tradicional.

Durante nossos estudos, deparamo-nos com o livro *A história da arte sem os homens* de Katy Hessel (2021), que revelou o quanto muitas das artistas surrealistas enfrentaram o desafio de criar em meio à invisibilização ou à objetificação de suas existências, frequentemente reduzidas à condição de musas pelos próprios colegas de movimento.

Como nos mostra a autora, artistas como Leonora Carrington, Remedios Varo e Frida Kahlo não se contentaram com o lugar de musas – papel que seus colegas artistas homens as colocavam –, mas se afirmaram como criadoras plenas. Em suas obras, há uma revolta contra as representações erotizadas do corpo feminino e uma busca por libertação, imaginação e transformação. As artistas surrealistas representaram mulheres fortes, livres e enigmáticas, explorando o inconsciente, a mitologia pessoal, o esoterismo e a opressão social com profundidade e originalidade.

Dentre essas artistas, destacamos Maria Martins, escultora brasileira que incorporou símbolos da cultura e da mitologia latino-americana; Leonora Carrington, cujas pinturas oníricas revelam criaturas fantásticas e visões mágicas; Leonor Fini, que abordou o erotismo e a identidade feminina com uma estética provocativa; Remedios Varo, que combinou alquimia, ciência e sonho em composições singulares; e Frida Kahlo, cuja obra autobiográfica, ainda que rejeitando o rótulo surrealista, dialoga com esse universo. Também mencionamos Dorothea Tanning, Kay Sage e Claude Cahun, cada uma expandindo os limites da forma e da identidade com ousadia e sensibilidade.

Ao integrar esse olhar crítico e inclusivo em nosso percurso, buscamos não apenas ampliar a compreensão do surrealismo, mas também homenagear a potência dessas mulheres cujas criações permanecem vivas, inspiradoras e profundamente atuais.

VISITAS

Para além do tema do ano, o grupo costuma visitar exposições variadas, que atravessam nosso olhar e trazem contribuições valiosas para as reflexões coletivas. Entre as visitas realizadas coletivamente, destacam-se a exposição *Lygia Clark: projeto para um planeta*, na Pinacoteca de São Paulo, e a mostra da artista chinesa *Cao Fei, O futuro não é um sonho*, ambas em abril de 2024, na Pinacoteca – Pina Luz e Contemporânea; e a exposição *Amelia Toledo: paisagem cromática*, no MuBE em agosto de 2024. Além disso, cada participante que visita exposições individualmente compartilha suas experiências com o grupo, enriquecendo nosso diálogo.



O grupo em visita às exposições Cao Fei e Lygia Clark na Pinacoteca

Em relação ao movimento surrealista, o grupo visitou a exposição *Desafio Salvador Dalí: uma exposição surreal*, realizada na FAAP, que ofereceu um panorama da trajetória do artista – um dos ícones do movimento surrealista – e apresentou o contexto histórico e cultural do século XX, período em que o surrealismo floresceu. Além da mostra imersiva dedicada a Dalí, a visita se ampliou com a exposição *Reverberações Surrealistas no MAB*, organizada a partir do acervo do Museu de Arte Brasileira da FAAP.

Essa exposição do MAB reuniu pinturas, desenhos, gravuras, obras tridimensionais, fotografias e vídeos que revelam influências ou afinidades com o surrealismo, articulando um percurso que vai desde os modernistas brasileiros com contato com as vanguardas europeias, passando por núcleos como *Realismo mágico*, *Paisagens metafísicas* e *Fotografia surreal*, até as *Ficções contemporâneas*. A diversidade de obras e suportes revelou a amplitude e a atualidade das ideias que Salvador Dalí e André Breton defenderam há um século, permitindo ao grupo um contato sensível com desdobramentos históricos, poéticos e políticos do surrealismo. A visita se tornou, assim, um ponto de partida fértil para reflexões, discussões e criações que atravessaram nossos encontros ao longo do ano.



Algumas integrantes do grupo e diferentes momentos de visita à exposição no MAB.

Ao longo do percurso, o grupo se debruçou sobre a temática dos sonhos, um dos eixos do surrealismo, mas também um fenômeno humano presente e estudado em diversas culturas e abordagens. Compartilhamos nossos sonhos sonhados em rodas de conversa, aprofundando o tema a partir de múltiplos olhares. Não nos limitamos a estudá-los como conceito, mas os vivenciamos como matéria artística e existencial, experienciando-os como imagens vivas e pulsantes que emergem do inconsciente, da existência e da cultura.

Em um de nossos encontros, tivemos a oportunidade de participar de uma roda de conversa com a professora Fátima Martucelli, que nos apresentou o trabalho com sonhos na Gestalt-terapia sob uma perspectiva fenomenológico-existencial. Nesse

campo, os sonhos são explorados como experiência vivida e, portanto, portadores de sentidos, emoções e desdobramentos que podem ser experienciados no aqui e agora. Falamos também sobre os nossos sonhos de repetição e suas reverberações na vida cotidiana.



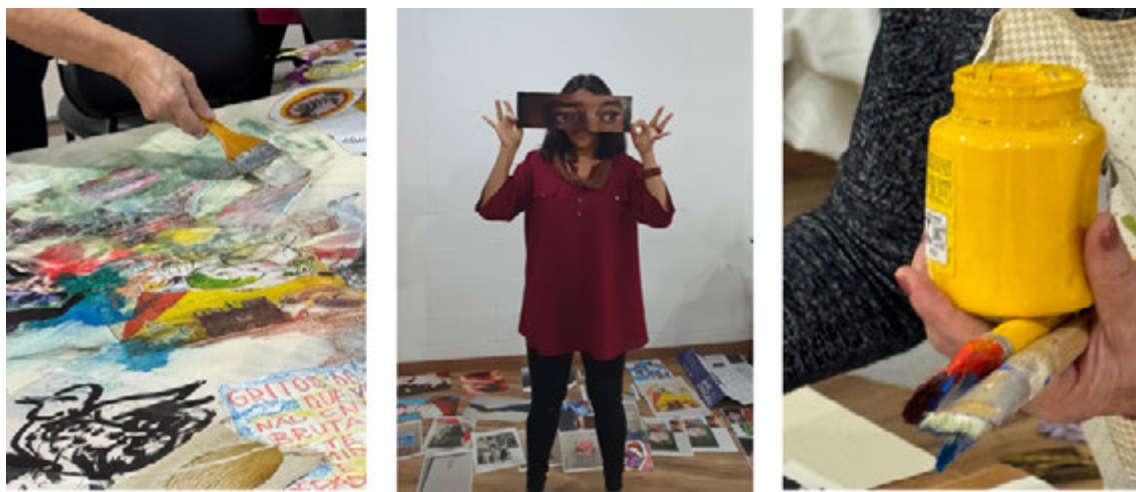
O grupo em seus encontros de rodas de conversa sobre sonhos.

A escuta desse olhar ampliou o campo de referências do grupo e entrelaçou outras leituras simbólicas dos sonhos, como a dos povos originários, para quem sonhar é uma forma de orientação espiritual e comunitária, e a de autores como Freud, que via os sonhos como a realização de desejos inconscientes; Jung que reconhecia os sonhos como manifestação de imagens do inconsciente coletivo; e Sidarta Ribeiro, neurocientista brasileiro, que entende os sonhos como uma simulação mental que auxilia no processamento e consolidação de memórias, na resolução de conflitos emocionais e na preparação para futuros possíveis. Pensamentos diversos, compartilhados no grupo, que emergiram espontaneamente nas pesquisas e reflexões individuais.

Essa travessia por diferentes modos de compreender o sonho como linguagem do inconsciente, guia existencial, experiência comunitária e campo de criação foi fundamental para enriquecer nosso percurso artístico e reflexivo.

Inspiradas pela temática do *Surrealismo Contemporâneo*, que assim nomeamos, nos propusemos a criar obras coletivas que entrelaçassem as investigações individuais de cada participante com as reflexões do grupo. Perguntas como: "o que antes era surreal e agora se tornou realidade?", "o que hoje é surreal?", "que realidade queremos sonhar para o futuro?" ecoaram nas escolhas de materiais, cores e formas. O processo foi pautado por uma escuta interna e por movimentos espontâneos que nos conduziam a compor camadas de sentido, ora simbólicas, ora viscerais.

Utilizamos tinta, giz pastel, tecidos, imagens recortadas e coladas, objetos pessoais e materiais diversos que evocavam memórias ou desejos. As criações nasceram do gesto livre, da experimentação sensível e do mergulho em imagens internas que emergiram ao longo do percurso, num trânsito entre o individual e o coletivo, entre a experiência e a reflexão.



Registro de diversos momentos de criação em grupo.

No campo das palavras, nos propusemos a escrita de um texto coletivo, inspirado na prática da escrita espontânea e nas perguntas que nos acompanharam durante todo o percurso. Nesse texto, os fragmentos de cada uma se uniram em uma tessitura poética e crítica sobre o mundo contemporâneo, revelando angústias, desejos, absurdos e possibilidades (texto ao final do artigo).

Como culminância desse percurso, inauguramos a exposição *Surrealismo Contemporâneo* no Instituto Sedes Sapientiae, em 4 de novembro de 2024, onde apresentamos nossas telas, o texto coletivo e um painel interativo fixado numa parede de cortiça, com o convite “Manifeste-se!” e uma caixa com recortes de palavras e alfinetes para que o público pudesse se expressar.

Esse painel foi pensado como uma superfície viva, aberta à participação da comunidade, que interagiu compondo frases, pensamentos e imagens. Ao longo do período expositivo, o painel foi se transformando com essas contribuições, ampliando o sentido da experiência coletiva.



Cartaz de convite da exposição e painéis expostos.



Encontro de abertura da exposição.

Como parte da exposição, exibimos também um vídeo curatorial, criado pela integrante Nellie Solitrenick, com imagens que fazem referência ao surrealismo, trechos de textos e registros do percurso do grupo. O vídeo sintetiza de forma sensível as vivências e reflexões compartilhadas ao longo do ano. Ele foi apresentado sem som na TV da área da cafeteria do Instituto Sedes Sapientiae – espaço onde o grupo costuma expor seus trabalhos. Para quem desejasse assisti-lo com som e na íntegra, disponibilizamos um cartaz com um QR code que direcionava para o link online. O vídeo pode ser acessado aqui: <https://youtu.be/a9zeek2o5PQ>.

No dia 30 de janeiro de 2025, ao desmontarmos a exposição e recolhermos cada obra, observamos as intervenções deixadas na parede sob o chamado “Manifeste-se!”, que revelou a criatividade das pessoas participantes e se mostrou um verdadeiro manifesto vivo, com múltiplas vozes emergindo, pulsando e se fazendo presentes.

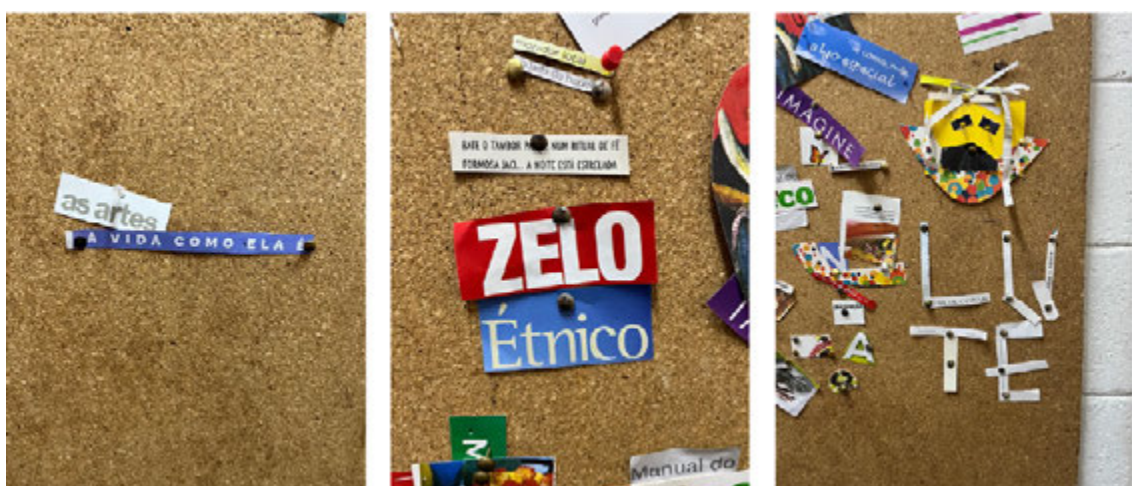
Essa experiência despertou no grupo um modo de sentir, criar e refletir, uma travessia poética entre o onírico e o real, entre o individual e o coletivo.

Agora, convidamos você, leitor(a), a se perguntar:

O que, na realidade de hoje, parece tão absurdo que poderia ser surreal? E o que em você pulsa como um sonho, esperando espaço para se manifestar?



O painel interativo, no começo e ao final do período da exposição.



Algumas manifestações.

TEXTO COLETIVO

Texto de escrita espontânea construído por todas as participantes.

Manifestando o Manifesto Surreal após 100 anos, as mulheres arteterapeutas do grupo EncontrArte apresentam sua arte retratando o Surreal Contemporâneo. A realidade vivida nos dias atuais coloca com clareza a importância de mantermos as mentes abertas e sempre acolher as diversidades. No ateliê, os sonhos e os devaneios singulares fizeram parte das nossas manifestações artísticas. Olhar para o passado, para essa história que foi e nos trouxe até os tempos atuais, nos fez ver o que podemos aprender e poetizar a vida com a arte... abertura, liberdade, soltura, realidade e fantasia...

Vivenciar o momento como uma viagem para o futuro inimaginável entre realidade virtual, hologramas, inteligência artificial, second life, metaverso... O que nos espera? Qual a nossa nova identidade?

Queremos novos tempos nutridos pela arte, tempos humanizados!!!

No processo do nosso grupo EncontrArte deste ano, um ponto que ficou latente foi percebermos e refletirmos sobre a contemporaneidade em que vivemos e que o que antes parecia surreal agora assume um peso concreto de realidade. Isso nos leva a questionar a linha tênue entre o real e o surreal no espaço e no tempo que habitamos. Atravessar esse tempo-espaço entre o Surreal e o Real como personagens que se movem entre flashes de memória, que pouco e muito fazem sentido, causa um aperto e nos faz perseguir algo que não mais é possível alcançar.

Ao aprofundar os estudos e investigações sobre o movimento artístico do surrealismo, nos sentimos convidadas a atravessar a superfície da realidade – como se levantássemos a pele da água do mar, em uma referência à pintura de Salvador Dali – mergulhando profundamente na temática dos sonhos. Esse mergulho abriu portas para vivenciar conteúdos ocultos e inexplorados, investigando os limites e as conexões entre diferentes formas de realidade.

Certezas sucumbiram à grande e espessa camada cinza, como um véu que nos força a fechar os olhos e delirar. Entre os delírios há uma pequena fresta. Podemos atravessá-la? O que nos espera do outro lado? Arriscamos sonhar e imaginar, será que lá estará o Surreal que pelo Real foi trazido de um grande e profundo passado e que nos tem causado confusões?

Uma linha começa a ser traçada, cores saltam do desconhecido, imagens nunca vistas se descortinam, enfim, já não sabemos mais, as dúvidas nos atravessam. Temos, porém, a certeza dos caminhos livres e infinitos dos sonhos e da Arte, os quais percorremos com nossas lanternas no caleidoscópio tempo presente, passado e futuro.

Um século depois, as mulheres artistas surrealistas estão sendo referenciadas com muitas obras que tempos atrás ficaram esquecidas.

Por isso também a importância olhar com pensamento crítico esse movimento.

Cada pincelada, cada forma distorcida, revelou o oculto, fragmentos de memórias, desejos profundos e devaneios. A imaginação reinou soberana. O surreal afrouxou as amarras da razão, nos colocando em contato com nossas dimensões de significado e expressão.

As guerras, os questionamentos, os corpos mutilados, fragmentos: cenário berço do Surrealismo, que encontram ressonância na atualidade. O corpo feminino ainda é pauta latente que atravessa os tempos resistindo às violências manifestas de forma mais ou menos implícitas. Este corpo tornou-se objeto artístico-político indagador: meu corpo, minhas regras? O que é realidade? o que é liberdade? Dependendo da sua classe social, raça e cor, distopia.

A matéria morta extrapola, cria rupturas por meio do choque. O corpo-arte é símbolo de luta por direitos, por espaços, por igualdade em uma sociedade, além de tudo, machista, misógina e sexista. O corpo "nu" feminino não mais desmontável luta pela liberdade de ser e estar no mundo.

Vivemos um momento de confusão, guerras intermináveis onde os valores artísticos e morais parecem dissolver-se num abismo.

Momentos vividos no passado pelos surrealistas. O universo não evoluiu. O passado está presente em nossas vidas. As mulheres do grupo EncontrArte desenvolveram trabalhos de arte em manifestação ao centenário do surrealismo. Movimento influenciado pelas teses psicanalistas de Sigmund Freud, que mostram a importância do inconsciente na criatividade do ser humano. A relação entre o surrealismo e psicanálise está no sonho e na técnica do automatismo psíquico. O surrealismo trouxe para o mundo um novo olhar para enfrentar a arte. O surrealismo enfatiza a valorização da fantasia, do sonho, do delírio e tudo que vier a mente.

Explorar o mundo dos sonhos e do inconsciente como fonte de criatividade revela verdades mais profundas, libertando o potencial criativo reprimido pela lógica e pela razão.

O que é surreal para você? Não ao Surreal que encanta e surpreende, mas aquele que sai das vísceras e desespera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAÑIZAL, Eduardo **Surrealismo**: rupturas expressivas. São Paulo: Atual, 1986.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HESSEL, Katy. **A história da arte sem os homens**. Tradução Lúcia Averbuck. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HOCKE, S. R. **Labirinte de Árt Fantastique**. Paris: Gonthier, 1967.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: construção da obra de arte. *S.l.*: Editora Horizonte, 2006.

SAVIANI, Iraci. Ateliê Arteterapêutico – Encontrarte: viver arte, criar e recriar a vida. *In*: CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

SCHWARZ, Arturo. O som do despertar. **Catálogo Sonhando de olhos abertos**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2004.

SILVEIRA, NISE. Um homem em busca do seu mito. *In*: LUCCHESI, M. **Artaud**: a nostalgia do mais. Rio de Janeiro: Numen, 1989.

RESENHA

O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas? Leila Nazareth¹



INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é fazer uma resenha sobre a versão impressa do livro de artista *O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas?* Sua publicação se deu em 2024, pela Editora Funilaria, de São Paulo.

As autoras e respectivos currículos estão apresentados a seguir.

Cibele Lucena é artista, professora e pesquisadora. Graduiu-se em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Psicologia Clínica – Estudos da Subjetividade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2017). Seu campo de investigação centra-se na pesquisa sobre relações entre arte, política e educação, com foco no encontro entre pessoas, movimentos sociais e comunidades. Participou e fundou diversos grupos dentro desse enquadre. Atualmente integra o Coletivo Cazumbá, que realiza práticas artísticas e antimanicomiais em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) na cidade de São Paulo.

Flavia Mielnik possui licenciatura em Educação pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). É pós-graduada em Arte Investigación e Creación pela Universidade Complutense de Madri. Seu currículo como artista reúne diversas exposições tanto individuais, como coletivas, nacionais e internacionais. Aqui são destacados algumas delas: *Geografia de um lugar contada por ele mesmo* (Zipper Galeria São Paulo, SP, 2014); *VI Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo* (SP, 2005); *25 Años de Arte Injuve* (Círculo de Bellas Artes de Madrid, 2010). São destacados alguns prêmios: 39 SARP (MARF, 2014) e *Injuve de Arte Juven* (Espanha, 2008). Existem obras de sua autoria no acervo do Instituto de la Juventud Injuve (Espanha), no Acervo SESC de Arte Brasileira e no Museu de Arte de Ribeirão Preto.

¹ Psicóloga, neuropsicóloga e arteterapeuta (Sedes Sapientiae), doutora em Psicologia Social (PUC-SP), professora e supervisora do curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

TEMÁTICA EXPLORADA

A temática refere-se à reforma psiquiátrica e luta antimanicomial envolvendo um dos maiores e mais antigos hospitais psiquiátricos brasileiros, o Juquery. As autoras defendem essa causa e, ao saberem do iminente fechamento da internação permanente, resolveram documentar esse processo histórico.

Por ser um livro de artista, o trabalho segue uma organização completamente diferente da de uma obra científico/acadêmica. Assim, peço licença para trabalhar este texto dentro de um enfoque menos afeito à redação acadêmica.

Na obra analisada, as páginas não são numeradas. O texto apresenta-se mesclado aos desenhos, colagens, bordados e outras técnicas artísticas empregadas. Não existem divisões em capítulos. A ficha catalográfica encontra-se na última página do livro. Essas são as peculiaridades formais.

O livro de artista reúne diversas técnicas, como desenhos, colagem, monotipias, bordados, que dão vida aos relatos das muitas histórias que foram compiladas. Tais relatos vieram de várias fontes: funcionários, sendo quatro psicólogos, uma psicóloga e arte-terapeuta, um farmacêutico, uma costureira, uma terapeuta ocupacional e uma fisio-terapeuta; um ex-interno morador do Juquery; além de manuscritos, depoimentos em áudio, fotografias que foram remetidos às autoras por pessoas que haviam trabalhado no complexo hospitalar, bem como defensores da luta antimanicomial.

Do ponto de vista da linguagem, o diálogo entre texto e imagens constrói um discurso poético, mesclando amor e horror, como dizem as autoras. Poesia deriva-se do grego *poiesis*, “*Poiesis* diz respeito a um produzir, a um levar que leva à luz o que se apresenta [...] É *poiesis*, seja o que acontece na natureza, seja na obra do artesão ou na arte. *Poiesis* leva do ocultamento para o desocultamento” (Pompeia; Sapienza, 2004, p. 157-158). Essa é a linguagem própria das terapias, na qual a explicação não ocupa lugar. A compreensão independe de argumentação racional, ela vem do caminho das emoções. Para a Arteterapia, a linguagem poética é um facilitador do significar e ressignificar processos de vida, muitas vezes dolorosos e difíceis de elaboração para o cliente.



ANÁLISE DA OBRA

Aceitando a provocação do título, será apresentado um breve resumo da história do Juquery, salientando o que não pode ser esquecido, por ser execrável ou por ser um exemplo a ser reafirmado.

O complexo hospitalar do Juquery foi inaugurado em maio de 1898, projetado pelo escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo. Foi planejado para ser uma colônia agrícola, nos moldes do que era preconizado pela psiquiatria francesa. Os 160 leitos iniciais foram sendo sucessivamente ampliados, chegando a 5.210 leitos. O hospital recebia, além de pacientes psiquiátricos, pessoas que destoavam dos costumes sociais vigentes. Nos períodos em que o Brasil esteve sob o regime ditatorial, houve um considerável aumento do número de internos: tratava-se de presos políticos. Vale assinalar que as atividades terapêuticas laborais da colônia agrícola foram rapidamente abandonadas, substituídas por técnicas de contenção, punição, excesso de medicamentos, maus-tratos e abuso. As internações tornavam-se vitalícias, 30, 40 anos de permanência no hospital. O descaso também se fazia presente na manutenção dos prédios. Em 2005, um incêndio destruiu o prédio que abrigava a biblioteca do complexo hospitalar, destruindo preciosos volumes de história da psiquiatria do século XIX.

Uma voz que destoava dessa prática de horrores foi a de Osório César, psiquiatra que se opunha às técnicas de lobotomia e eletrochoques e incentivava os internos a expressarem-se artisticamente. Osório César trabalhou no complexo hospitalar por mais de 40 anos, tendo enfrentado perseguições políticas nos períodos de ditadura no Brasil.

Nas décadas de 1980 e 1990, iniciaram-se ações da reforma psiquiátrica, com o objetivo de reabilitar e reinserir os internos no convívio social. Esse processo mostrou-se difícil e demorado.

Retornando aos tempos mais atuais e à obra de Lucena e Mielnik, destacamos a narrativa de um momento histórico, que se expressa em diversos relatos de pessoas vivendo a iminência do fechar das portas da internação desse hospital psiquiátrico centenário. O texto eivado de imagens nos apresenta depoimentos de internos e trabalhadores, revelando o inóspito cotidiano do hospital. Veridiana, em seu primeiro dia de trabalho, viu-se trancada em um pátio cheio de mulheres, a maioria nuas. Essa cena ocorreu em 1998, quando as discussões sobre a reforma psiquiátrica já estavam muito adiantadas no Brasil. Saiu chorando e apontou como essa vivência a atingiu: “[...] mesmo quando o Juquery saiu do nosso campo de visão no retrovisor, sabia que ele ainda existia. Era muito dolorosa essa verificação” (depoimento da psicóloga Veridiana).

“O quarto era muito arrumado. Um dormitório de quarenta leitos, lindo, parecia até engomado, mas os pacientes não tinham direito de usar durante o dia, eram obrigados a ficar no pátio, muitas vezes deitados, olhando para o nada. Um quarto todo arrumado e um monte de gente deitada no chão, olhando para o nada o dia todo, é o tipo de coisa que não aparece na mídia, só quem está trabalhando ali sabe como é” (Marcelo, psicólogo). Os relatos me remetem a Erving Goffman em *Manicômios, prisões e conventos*.

A instituição total cheia de regras, cheia de não. Os internos largados no chão o dia inteiro, sem nenhum propósito durante semanas, meses e anos. O quarto arrumado

que não pode ser usado, que não pode acolher ninguém. As chaves nas mãos dos funcionários, as roupas que não servem nos corpos daquelas pessoas. A instituição total, que despe o indivíduo de sua subjetividade, que arranca dele seu estojo de identidade. Ao mesmo tempo, funcionários empenhados em dar o melhor cuidado àquelas pessoas. A Neusa, costureira, ora ajustando o que era possível para que as roupas fossem ao encontro das pessoas que delas precisavam, ora providenciando um vestido vermelho para a paciente poder dançar e expressar a alegria que lhe era característica. Paula, psicóloga e arteterapeuta, retirou dos internos a característica que os tornava alvo de estigma, quando saíam para passeios externos: o uniforme. Sem uniforme, o grupo não era identificado como portadores de uma condição que os tornava desacreditados.

Assim, o relato de Lucena e Mielnik vai adquirindo leveza, ao longo da descrição do diálogo entre trabalhadores e internos nessa delicada tarefa da reinserção social. Dentro de um ambiente onde o descuido e o descaso foram a tônica, aparece o cuidado em resgatar a dignidade daquele grupo de pessoas, providenciando malas, bolsas, para que seus pertences não fossem inseridos em sacos de lixo quando os internos deixassem de vez a instituição.

Seu término culminou com fotos do livro de artista em diferentes etapas de sua finalização, com sua colocação dentro de uma bolsa de jeans, que protege e facilita o transporte da obra.

O livro é concluído com dois textos que comentam a obra: Uma beleza terrível, do psicólogo e mestre em psicologia clínica Lucas Lima, e O que sempre precisa ser (re)lembrado – notícias do kilombo transatlântico, de Kwame Yonatan Poli dos Santos, psicanalista e doutor em Psicologia.



CONCLUSÃO

O que não pode ser esquecido quando o Juquery fecha as portas? é uma obra envolvente, delicada e muito instigante. Com linguagem poética, traz para reflexão o cotidiano do paciente psiquiátrico institucionalizado, o olhar humanizado para o ser humano que necessita de acolhimento em seus momentos de crise. Torna-se, então, uma obra muito rica para os/as arteterapeutas, que podem ampliar essas reflexões para os diversos campos de sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

POMPEIA, J. A; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido**: uma apresentação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Paulus, 2004.

LINKS CONSULTADOS

flaviamielnik.blogspot.com. Acesso em: 30 maio 2026.

<https://www.arquivos.arq.br/profissionais/ramos-de-azevedo>. Acesso em: 30 maio 2026.

<https://www.escavador.com/sobre/12084549/cibele-toledo-lucena>. Acesso em: 30 maio 2026.

<https://www.masp.org.br/busca?search=hist%C3%B3rias%20da%20loucura>. Acesso em: 30 maio 2026.

<https://www.redisap.unicamp.br/br-spa-el-hj>. Acesso em: 30 maio 2026.

HOMENAGEM

Neste número da revista queremos homenagear **REGINA CHIESA** (AATESP 022/1203), que faleceu recentemente deixando, além de muitas contribuições, muita saudade. Arteterapeuta formada na 4ª turma da Especialização em Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, participou da edição da revista **Arteterapia: Reflexões** nos seus primeiros números. Foi membro fundadora da AATESP, atuando em várias de suas gestões, e presidente da UBAAT.

Regina também fez formação em Psico-oncologia e Dinâmica Energética do psiquismo, e criou um trabalho inovador na área da Arteterapia no CORA – Centro Oncológico de Recuperação e Apoio, e, recentemente, uma rede de arteterapeutas dedicados ao trabalho com pacientes oncológicos.

Publicou dois livros que são referências na área: **Diálogo com o barro: o encontro com o criativo** (Casa do Psicólogo, 2004) e **Mandalas: construindo caminhos** – um processo arteterapêutico (Wak Editora, 2012).

Sempre muito ética, comprometida com o cuidado humano e o desenvolvimento da Arteterapia, é com admiração e muito carinho que dela lembramos.

Foto do perfil do Instagram



NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A revista **Arteterapia: Reflexões** tem por finalidade a publicação de trabalhos de interesse na área. Os pontos de vista emitidos pelos autores serão de sua exclusiva responsabilidade. A seleção dos artigos será feita pelo Conselho Editorial da revista.

A revista **Arteterapia: Reflexões** aceitará para publicação artigos tais como: relatos de pesquisa ou experiência, estudos de caso, estudos clínicos ou trabalhos teóricos que visem analisar ou expandir teorias já existentes e/ou apresentar novos conceitos e modelos teóricos; estudos sobre arte que examinem o processo criativo focalizando suas funções terapêuticas e psicossociais. Os artigos **devem contemplar fundamentos teóricos e exemplos de trabalhos** desenvolvidos pelo arteterapeuta.

FORMATO DO TRABALHO A SER APRESENTADO

- 1.** A formatação da página deve seguir a seguinte padronização: **fonte Arial tamanho 11, margens (superior, inferior, direita e esquerda) igual a 2,5 cm, espaçamento entrelinhas igual a 1,5, e com recuo de primeira linha igual a 1,25 cm**, no máximo 20 páginas (incluindo imagens e tabelas).
- 2.** A apresentação do artigo deve conter o título e o nome do(s) autor(es). Pede-se um minicurrículo ou titulação antes do texto.
- 3.** O **resumo** deve ter versões em português e em inglês e, conter, no máximo, 200 palavras. Deve-se descrever as palavras-chave.
- 4.** Imagens e ilustrações de trabalhos de arte estão limitadas a 6 (seis) unidades por artigo.
- 5.** Nas referências bibliográficas devem ser citadas **apenas e exclusivamente as obras efetivamente referidas no texto** (veja, no final deste documento, orientações de como apresentar as referências).
- 6.** O **trabalho enviado deve ter sido submetido à revisão gramatical** por um profissional habilitado e **atender às orientações aqui descritas**. Não cabe à revista **Arteterapia: Reflexões** ou aos seus pareceristas a revisão gramatical dos trabalhos. **Artigos sem revisão não serão aceitos**.

Referências bibliográficas são as referências dos livros e materiais consultados para a elaboração do trabalho. A seguir, alguns exemplos.

- **Livro completo**

SOBRENOME, Nome Abreviado. Título: subtítulo (se houver). Edição (se houver). Local de publicação: Editora, data de publicação da obra.

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem, 1.ed. São Paulo: Summus, 2000.

- **Capítulo de livro**

SOBRENOME, Nome abreviado. Título do capítulo: subtítulo. *In*: SOBRENOME, Sigla do nome. Título do livro: subtítulo. Local: editora, ano, intervalo de páginas do capítulo.

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. *In*: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004, p. 219-223.

- **Tese, dissertação**

SOBRENOME, Nome. Título negrito. Ano de depósito. total de folhas ou páginas. Tipo (grau) - Instituição, local, ano de defesa.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. 2002. 258p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

- **Artigos em periódicos**

SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). Título da Revista, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação.

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

- **Artigo em periódicos online com autoria**

SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). Título da Revista, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação. Disponível em <URL>. Acesso em: dia mês abreviado ano.

SOUZA, Luiza Eridan Elmiro Martins de. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 253-272, dez. 2016. Versão **online**. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: maio 2020.

- **Artigo em periódicos *online* sem autoria**

Título da matéria. Nome do site, ano. Disponível em: <URL>. Acesso em: dia mês abreviado ano.

- **Trabalho de Congresso (publicado *online*)**

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. *In*: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <http://www.prospeq.ufpe.br/anais>. Acesso em: 21 jan. 1997.

